

# Revista de cultura trasmontana e duriense



*Número inteiramente dedicado  
ao Encontro “Saber Trás-os-Montes”  
(A Caça na Literatura Trasmontana)  
9 e 10 de Novembro de 2006*

Revista *Tellus*  
Câmara Municipal de Vila Real

# A Caça em Trás-os-Montes na Biblioteca Cinegética Sérgio António

*Ângelo Sequeira*

Sempre me fascinaram as peripécias das caçadas e sempre lamentei não poder fixar de algum modo e para sempre, aquelas vivências às vezes feitas só de um gracejo dito a tempo, outras vezes de aventuras mais enredadas. Suspeito que mesmo antes de começar efectivamente a caçar já essa ideia teria surgido.

Porque, de facto, nós, lá em casa, como que nascemos com a caça e fomos inconscientemente sendo envolvidos por esse divertimento cuja prática era, nessa altura, permitida em todos os dias da semana e a que o nosso Pai, familiares e amigos se entregavam com euforia sempre que os seus afazeres o permitiam. Daí que desde muito cedo fôssemos atentando melhor em certas conversas, nos fôssemos apercebendo de certos dos seus pormenores, os fôssemos interrelacionando e nos comesse também a dizer mais qualquer coisa o alvoroço provocado pelos rumores de onde havia “uns bons bandos de perdizes”, a ânsia de marcar uma data, para a caçada, que conviesse a todos, o bulício dos preparativos da merenda na cozinha de casa, o ruído da chave na fechadura e o ranger das dobradiças da porta do armário da Franchotte e dos cartuchos e depois a decepção de, ao acordar, manhã alta, constatarmos que o nosso Pai já tinha partido, infelizmente, sem nós! Isto é, se não começámos logo nessa altura, ainda de cueiros e biberão, a ir para a caça foi porque não calhou. Depois, no regresso dos caçadores, era toda aquela bicheza dependurada a toda a volta da chaminé da cozinha, e o caixote dos cartuchos vazios que utilizaríamos nas nossas brincadeiras mas não sem antes lhes

aspirarmos sofregamente aquele delicioso aroma a pólvora queimada, que vejo hoje, já nessa altura de algum modo nos excitava... e o estranho, para nós, cansaço dos cães que víamos por ali, ao contrário do costume, esparramados à sombra ou a dormir na casota a sono solto, só se levantado a muito custo como que a caminhar sobre brasas, para beber água. Nem forças tinham para comer! E, no fim, assistir ao comentar de todas as peripécias da caçada que ouvidas e entendidas por nós, pela rama, quantas se terão perdido e cuja perda eu também desde muito cedo comecei a lamentar. Mais tarde, mas ainda de calção curto, babero pelo joelho e sandálias, já saíamos sós nas imediações da casa embora já “devidamente” armados e municados. A espingarda (um par de justapostos... em cana e um bocado de tábua de solho que o António da Tapa cheio de paciência afeiçoara em coronha, em equilíbrio mais do que instável por obra e graça de uns pedaços de arame surripiados à rede enferrujada de protecção nas escadas), até tinha gatilho, guarda-mato e ponto de mira. Só não tinha extractores automáticos para os cartuchos recarregados com terra e pequenas pedras, bucha de cartão e rebordados à mão, que transportávamos à cinta na cartucheira de lona de fivela a apertar atrás, sumidos nas respectivas cavidades do canelado feito a partir das cintas interiores da copa de chapéus velhos graças à perícia de nossa Mãe e à custa de várias agulhas por ela partidas na máquina de costura de pedal. Das caçadas dos grandes, desta altura, infelizmente, mais uma vez poucos testemunhos ficaram. Mas, das nossas, não ficou mesmo nenhum. Só ficou alguma coisa na minha ideia que eu relembro com saudade e cedo comecei a desejar reproduzir e arrecadar o que de semelhante encontrasse já reproduzido. Passámos depois a fase da fisga (que o meu Pai abominava por ter um parente sem um olho por acidente com esse artefacto), a da carabina de pressão de ar (em que também éramos exímios, porque não possuindo nós nenhuma, usávamos, por empréstimo, a dum primo que... fazia o favor de ser muito nosso amigo... vendia-nos cada chumbo, nessa altura, a um tostão) e da Flaubert de 9 mm também por empréstimo, cujos cartuchos eram, na sua maioria, recarregados por nós, por falta de verba para os comprar novos. Veio a seguir a fase de irmos à caça nos calcanhares dos mais velhos. Disputávamos entre nós a primazia de acompanhar o que elegêramos como melhor caçador, acompanhando-os até ao limite das nossas forças. Não se viam livres de nós com duas tretas:

– Toneco, a que horas saís amanhã?

– Não sei! Quando ouvires a gaita a tocar e os outros a ladrar, vens também.

Vindes todos!

A gaita de caça do Toneco ouvia-se por toda a aldeia desde o pátio da sua Casa dos Bicos a chamar todos os cães que ele, por falta de lotação no canil, distribuía pelos amigos que anuíam em lhos sustentar, para ele, com eles, caçar. Nós, no seu dizer trocista, quando a ouvíssemos devíamos também ir para lá a cor-

rer. Nós e eles, todos juntos. Quantas caminhadas lhes aguentámos e quantas belas cenas de caça com eles vivemos sem também, lamentavelmente, delas ter ficado um só escrito que fosse.

Assim conseguido o Bacharelato chegámos finalmente à Licenciatura mercê dos ensinamentos dos mestres: os caçadores mais velhos e os nossos companheiros de jornadas inesquecíveis, os cães (podengos, perdigueiros ou vulgares vira-latas) e do estudo no compêndio de ciência inesgotável, isto é, a Natureza, ao calor, ao frio, à chuva, ao sol, em dias amenos ou de verdadeiros vendavais! Nem o aparecimento de uma nuvem negra no ambiente familiar (a nossa ida para um Colégio Interno) conseguiu diminuir este nosso entusiasmo. Antes pelo contrário. Nas férias do Natal, para quando o nosso Pai nos reservava as melhores caçadas, era um furor. Quem por vezes tentava pôr cobro ao nosso delírio e à nossa verborreia cinegética, no regresso, era o Tio João, sistemática e ironicamente céptico, quanto à veracidade das cenas relatadas.

– Olha lá, ó Menino, tens fotografias disso?

Não. Não tínhamos. Mas ele sabia que tudo aquilo era verdade. Como não há mal que nunca acabe, os cinco anos de reformatório (o tal tempo de colégio) tiveram finalmente o seu epílogo. E a partir daí com o afastamento menos pronunciado da vida da aldeia, continuaram as nossas incursões venatórias, tendo sido, talvez, desde essa data e até ao ano de 1968 que foram melhores e mais frequentes. Ainda com o nosso Pai, tantas caçadas de que não ficámos com fotografias ou qualquer relato. Com o Acácio da Rapada, aquele que o nosso pai arranjou para nos ensinar a caçar e para nos meter na ordem quando ele, pela falta de saúde, já não nos podia acompanhar. Com o Inácio de Mouramorta e com tantos outros. Com o Rubi, a Bala, o Tejo, o Douro, o Gabiru, a Traquina, a Zarelha, o Porto, a Giribiri e outros tantos ou muitos mais! Na Pesqueira, em Numão, no Pinhão, nos Trinta, em Paredes da Beira, em Bornes, nos Cem Calços, no Salgueiro, em Vila Flor e em todos os lados onde constasse haver perdizes... O meu Pai dizia sempre: “Quanto a perdizes somos como o ladrão a rezar: Ó meu Deus, não me dês dinheiro. Diz-me só onde ele está, que eu lá vou buscá-lo”.

E de tudo isto o que ficou? O que se caçou? O que se correu? A sede e a fome que se sofreu? Os quilómetros que se andaram? As botas que se romperam? As zangas que surgiram porque “...estava-se mesmo a ver que tinhas de esperar antes de entrares no cabeço... És sempre o mesmo... Não deixaste rodar os do fundo... Essa?... já ia morta de todo. Não lhe deste nem c’um bago. Vais pendurá-la?... Nem penses.”

Seria um grosso volume só para enumerar o que nos divertimos e o que sofremos mas que agora recordamos e que eu ansiava por fixar para sempre. Mas, como? Quem seria capaz de o escrever? E eu continuava a não encontrar nada já

escrito... De facto, os meus ancestrais, fidelíssimos devotos de Santo Huberto, quase ou mesmo por fobia também não eram muito dados à leitura venatória, não me lembrando eu de alguma vez ter visto lá em casa, onde o meu Pai com sete filhos a estudar dizia que em vez de tantos “libros” queria era ter mais libras, qualquer publicação sobre caça! E assim a ideia continuava sem concretização! Entretanto faleceu a minha Mãe e logo a seguir o meu Pai. Como uma desgraça nunca vem só, fui para a tropa e comigo ainda no então Ultramar faleceu também o Tio João. Uma morte inglória. Nada que fosse à sua medida. Quando regresssei, não sei se por me sentir frustrado por nunca ter conseguido caçar em África, se por ver aquelas caçadas de saudade cada vez mais longe, comecei com mais afinco a procurar coisas escritas sobre caça, tentando assim, sei lá, preencher aquele vazio que, em mim, cada vez mais se acentuava. Durante a estadia em Mafra, depois no Ultramar e depois já regressado ao Continente, foi-se cimentando uma amizade entre mim e um colega, a ponto de frequentemente nos encontrarmos, em minha casa ou na dele, com as respectivas famílias, para conversar, ouvir música ou beber uns copos. Acabou por aparecer também nas minhas relações de amizade e nas nossas confraternizações o seu sogro com quem ainda cheguei a caçar. Uma noite falei-lhe no meu projecto de uma colecção de livros de caça. Aplaudiu e precipitou tudo. Falou-me de uma obra “escrita pelo Henrique Galvão e mais dois caçadores” que era “uma obra de muito valor, muito apreciada mesmo a nível mundial mas que estava desde há muito esgotada”. E a conversa ficou por aqui. Passados dias, na Baixa Lisboa, numa livraria, tive um sobressalto ao ver numa estante um volume intitulado “Da Vida e da Morte dos Bichos”, por Teodósio Cabral, Abel Pratas e Henrique Galvão. Folhee-o e pensei: «Cá está o melro! já não me escapas. Mas, quanto custarás?». Em alvoroço corri à primeira página e vi escrito: duzentos e cinquenta escudos. «É muito dinheiro só por um volume ... mas, espera lá ... deixa ver ... afinal, são duzentos e cinquenta escudos por cinco volumes». Sem largar de mão os cinco exemplares (nem reparei na edição, nem isso teria grande importância para mim nessa altura) chamei o empregado e muito mais me agarrei a eles ao ouvir a confirmação do preço: os cinco volumes duzentos e cinquenta escudos. Foi no dia quinze de Novembro de 1976. Foi a primeira aquisição com vista à minha, há tanto tempo pensada e desejada, Biblioteca Cinagética que conta já hoje com cerca de mil e setecentos volumes.

A ideia surgira há muitos anos. Como já perceberam surgira talvez logo que eu nasci, na Casa da Fraga, em Medrões, onde a minha Mãe já dera à luz dois filhos e depois de mim acabaria por pôr neste mundo ainda mais quatro. Aí é que eu acho que tudo começou e, de facto, assim foi pelo menos quanto àquilo que a mim me diz respeito. Depois, a ideia medrou alimentada, por todas aquelas vivências que já conhecem e finalmente passados cerca de três dezenas e meia de

anos concretizou-se, iniciando-se com aquela sôfrega aquisição.

A partir daqui foi sempre uma constante procura e à medida que iam surgindo as primeiras compras iam aparecendo os primeiros problemas e as primeiras decepções. No momento a residir em Lisboa e com uma vida profissional e familiar cheia de responsabilidades precipitava-me sempre para onde houvesse livreiros, alfarrabistas ou bancas com livros usados à venda. Tinha mesmo por norma, se tivesse de lhes passar ao pé, visitar qualquer uma destas instalações mesmo que estivesse lá estado de véspera ou na manhã do mesmo dia. Por coincidência ou não, lembro-me de ter feito assim boas aquisições.

Numa dessas alturas que tenho bem presente embora tenha acontecido há já muitos anos num alfarrabista onde tinha estado debalde num fim de tarde, encontrei no dia seguinte de manhã entre outras coisas boas a primeira edição de “O Perdigueiro Português” do Padre Domingos Barroso e dois exemplares do “The Pointer” de William Arkright, duas bíblias cinegéticas que há muito procurava. E comprei barato.

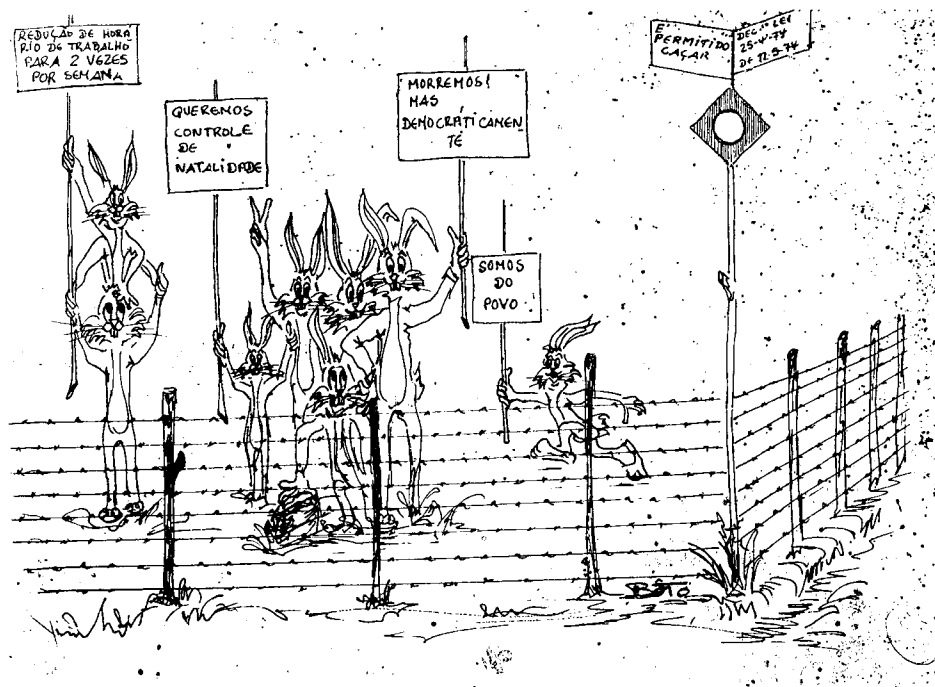
Posso ajuntar também o seguinte: como alguns livreiros já me conheciam bem demais uma obra que pouco valeria para alguns, para mim era sempre mais cara. Havia que dar a volta ao texto, passe o termo. Vários amigos e familiares utilizei para irem lá apanhar, displicentemente, como quem não quer a coisa, por dez, aquilo que horas antes, a mim, ao maluquinho das coisas da caça, tinham pedido vinte.

De princípio não sabia muito bem diferenciar o valor duma primeira duma décima edição. Desde logo também ao depararem-se-me certas obras tinha certa relutância em encaixá-las na minha colecção. Seria só de peripécias de caça ou também de livros técnicos, trabalhos científicos, catálogos, de histórias do Bambi e do Lobo Mau? O que me interessava fundamentalmente era o relato de caçadores e tudo o que se lhe relacionasse directamente, ou mais ou menos. Já sabia que nunca poderia recusar a entrada da minha colecção a, por exemplo, esta preciosidade narrada dum modo peculiaríssimo em “Caça Falada” pelo meu amigo Sérgio Paulo Silva.

Mas que conduta devia adoptar em relação a estudos da migração das rolas, das galinhas, dos patos ou das narcejas? E quanto a caça grossa e normas aquícolas, agrícolas ou florestais para a respectiva manutenção?

E um recorte dum jornal diário que em 1969 noticiava que “... três jovens transmontanas mataram um javali... e depois comeram-no” também tem um lugar nesta colecção?

E um comício de lebres desenhado nas costas dum comunicado revolucionário post 25 de Abril e arrancado a ferros ao dono do restaurante, em cuja parede da sala de jantar estava fixo com fita-cola, já velho e todo sujo das moscas... também merece, ou não, entrar para o meu rol?



Mas apesar de todas as dúvidas e todas as dificuldades, conseguindo esclarecer umas e contornar outras, a colecção foi crescendo mercê de inauditos e às vezes picarescos esforços próprios, mas também com a colaboração de amigos e familiares. Era frequente alguém aparecer com algo que encontrara e comprara para mim, ou surgir um telefonema a informar que em tal sítio havia isto ou aquilo que talvez me interessasse. Até me lembro de ter sido através dum anúncio no jornal, lido por minha mulher, que adquiri a muito bom preço a colecção quase completa de “Diana”, conceituadíssima revista da especialidade que prolongou a sua publicação regular, mensal, quase durante trinta anos acabando por “falecer” só em 1975 ou 1976, e de morte não natural.

Foi crescendo assim e, como passados tempos tivesse já uma certa envergadura, a colecção passou a denominar-se modestia aparte “Biblioteca Cinegética”, havendo logo de seguida que pensar em conseguir um “ex-libris” pelo queurgia eleger para tal os motivos a figurar que se queriam o mais possível representativos. Não foi tarefa fácil mas foi levada a cabo e o dito ex-libris surgiu. Emoldurado na silhueta da Fonte do Rei (monumento do século XVIII), em Medrões, St.<sup>a</sup> Marta de Penaguião, com as iniciais do nome do coleccionador (por extenso, em baixo), por cima de duas caçadeiras cruzadas, era encimado pela cabeça da Ca-

bra do Gerêz (como homenagem a uma espécie extinta) e ladeado, à direita pela Perdiz Vermelha e à esquerda pelo Perdigueiro Português, o perdigueiro nacional. A designação inicial seria posteriormente alterada para “Biblioteca Cinegética Sérgio António” como memória e homenagem póstuma ao filho do iniciador da colecção.



E então, assim como muitos dos velhos e respeitáveis reverendos nos seus actos e nos seus bons hábitos, também eu fui mantendo o hábito da procura dos livros de caça, tendo acabado por, depois de muito esforço, muita persistência, muito tempo roubado ao sono e ao convívio familiar e muita despesa, ter conseguido de facto uma boa colecção com que frequentemente me recreio e onde muitas vezes mergulho para entreter insónias ou afastar os pesadêlos da vida diária. E não sei se alguém avalia o orgulho que eu tenho nesta colecção!

E foi por isso mesmo que, ao ser solicitado para vos apresentar neste “Encontro Saber Trás-os-Montes” sobre a “Caça na Literatura Transmontana” uma informação sobre “A Caça na Biblioteca Cinegética Sérgio António”, convite que

muito me honra e penhorado aceitei, me senti de princípio preocupado por ter de falar para tão culta como ilustre assistência, depois receoso e logo a seguir apavorado. Eu explico. Escritos em Português sobre caça há muitos e de muitos e muito conceituados autores em muitos livros. E eu tenho até, na maioria dos que já li, anotados nas primeiras páginas aquelas onde o autor escreve sobre caça. Mas livros de autores portugueses, só de caça e, além disso, só sobre a caça em Trás-os-Montes, que é o que me pedem, “A Caça em Trás-os-Montes na Biblioteca Cinegética Sérgio António”, desses é que há mesmo muito poucos, não chegando à meia centena. E ainda bem que não me limitei a recolher simplesmente historietas de caça, embora continue a confessar que foi esse o meu primeiro objetivo e que é para aí que me está sempre a fugir o olho, mas ainda bem, dizia eu, que fui juntando muitas outras obras relacionadas com o tema e que dia a dia se foram também revelando importantes por abordarem a caça nas suas diversas facetas. Se assim não tivesse sido, então é que hoje estava totalmente desarmado.

Assim, possuo documentação sobre “Jornadas Cinegéticas” nomeadamente sobre a organizada pela Associação Portuguesa dos Engenheiros Zootécnicos (APEZ) em Abril de 2002 na UTAD em Vila Real, incluída a comunicação do Engenheiro Álvaro Barreira “Evolução da Caça em Trás-os-Montes”. De igual modo estão presentes diversos trabalhos científicos da autoria de Manuel J. R. Pereira com dados de 1982 sobre o Lobo, Javali, Corço, Lebre e Veado, os de Rui Moreda sobre o Corço e a Perdiz Vermelha e os de Agostinho Beça de Sousa com o seu “Trabalho de Fim de Curso de Engenharia Rural” e outros também sobre a Perdiz Vermelha.

Constam também obras sobre Legislação Cinegética nomeadamente a de 1932 da Comissão Administrativa da C. M. do Concelho de Macedo de Cavaleiros e as de 1967, interpretadas por Adérito Meireles e Alcino Cordeiro.

Também o “Clube de Caça e Pesca do Alto Douro” na sua publicação periódica ventila assuntos cinegéticos, enquanto outros se preocupam com a divulgação do “Património Natural Transmontano” não só em relação às espécies cinegéticas como as edições em boa hora aparecidas de João Azevedo Edições em Mirandela, mas também na vertente pedagógica com as publicações de Júlio de Carvalho em Bragança e também na de costumes, vocabulário e ética afins, dos irmãos e famosos caçadores, João e Salvador Parente.

Para desanuviar o espírito “A Ceia dos Caçadores” de 1946, por Tomaz Fernandes, onde quatro caçadores (dois Zé, Casinha e Calado, mais o Pardelha e o João Pinela) juntam em verso, o fruto duma caçada em Carrazeda de Ansiães e a publicação “Caça/Ambiente” no II Salão Luso-Galaico de Caricatura em Vila Real, 1998, da responsabilidade de Humorgrafe e da Câmara Municipal.

Sobre pesquisa bibliográfica e não só, de Águedo de Oliveira “Uma análise

aos textos venatórios de Camões”, em 1972, em “Estudos Bragançanos” e “D. Carlos, atirador de caça”, Edição da Fundação “Os nossos livros” e Escola Superior Agrária de Bragança, em 1992.

Celestino Fernandes de Réfega, Bragança, escreveu “O Zé da Roca e os Lobos” em 1996 e o Dr. Ângelo César, decano da Montaria pontificou em “Saudades de Montarias” e em “... Das Montarias... e algo mais”, enquanto Seixas Gomes, de Cardoso, Vila Flor, conta “Uma Caçada em Minas. Rio. 1876” às narcejas, caça grossa, pombos, marrecos e até jacarés, em duzentos e trinta e nove quadros de bela rima...

De A. M. Pires Cabral, uma filigrana. “Memórias da Caça”. Em 1987, nas 4.<sup>as</sup> Jornadas Camilianas em Vila Real, o bando do Cravalheira, o Liró, o Magano e o estranho sabor da lebre do Dr. Jerónimo... no esplendor do sabor da sua maviosa prosa.

Em livro que me foi oferecido no fim duma caçada, pelo Acácio da Rapada, o tal dos tiros envenenados, que foi pedi-lo, por pressão minha, a um pastor a quem o emprestara “há nove anos” e, que saiu duma gaveta forrada a papel de jornal duma mesa a desconjuntar-se, numa cozinha de aldeia, enevoadade fumo e pintada de fuligem mais direito do que se tivesse estado nas mãos dum doutor, foi “É El-Rey que vai à caça”. De Fausto José, poeta presencista de Fontelo de Armamar. Em bela poesia cinegética, o único livro português existente só de poesia cinegética, inclui “Caçadores de Perdiz”, segundo o tal Acácio escrito diante dele, no fim duma caçada no Pinhão. É de estarrecer de... verdade e realismo.

De João Ninguém (pseudónimo do Engenheiro Agrónomo João Lourenço de Quinta de Vale de Pena, Pinelo, Vimioso) que escreveu “Recordações” (1970), “Caça e mais Caça – recordando ainda” (1972), “Memórias” (1972) e “Mudando de Rumo” (1973), tudo numa imensa nostalgia recheada de caça, nada tenho. A porta a que tenho batido na ânsia de os conseguir (e até sei que estão lá...), para mim, tem estado sempre inexplicável e hermeticamente fechada. Lamentavelmente.

Do Padre Domingos Barroso (1889-1972), barrosão estafador de perdizes tenho todas as edições de “O Perdigueiro Português” a verdadeira bíblia do cão de parar também conhecido e reconhecido por perdigueiro nacional, a cujo apuramento da raça tanto se dedicou, e a compilação quase exaustiva dos artigos que espalhou sobre o assunto em Portugal e no estrangeiro.

Obrigado pela atenção prestada que eu mais não digo, porque mais não tenho.

# *Histórias de caça*

***Bento da Cruz***

Pertencço a uma família de caçadores inveterados. Eu não cheguei a viciar-me porque sou pitosga de nascença e só comecei a usar óculos aos vinte e tal anos. Suponho que foi por isso. Ou não seria. O certo é que, quando de férias, uma vez por outra, pegava na espingarda e saía para o monte.

O meu pretexto era esticar as pernas. Minha mãe e irmãs, no entanto, partiam do princípio de que, se eu ia à caça, tinha obrigação de trazer coelho, perdiz ou lebre para o arroz. Neste pressuposto, se a sorte me favorecia, quer dizer, se os cães agarrassem qualquer coisa para eu pôr à cinta, elas recebiam-nos de sorriso aberto e mesa posta. Se não, corriam os cães da cozinha a pontapés, como a dizer-me:

– Era o que tu merecias...”<sup>(1)</sup>

Também eu hoje merecia uns bons pontapés pelo atrevimento de, não sendo eu caçador, como já confessei, me apresentar perante esta douta assembleia com pretensas “histórias de caça”, as quais, como verão, se tiverem a paciência de me ouvir até ao fim, não passam de ingénuos apontamentos ou recordações de alguém que foi criado em contacto diário com as aves do céu e os bichos do monte.

É precisamente por aí que vou começar.

\* \* \* \* \*

“Teria eu quatro, cinco anos, palmo, palmo e meio, andava com as vacas num maninho sobranceiro ao rio Regavão. Nisto, chega-me às orelhas estrídula e

---

(1) Quinzenário Correio do Planalto, Nº 489, de 30 de Junho de 2004

polifónica orquestra de latidos, desde o fabordão, ão, ão, ão, dos mastins velhos, ao sustenido im, im, caim, dos cachorros meninos de coro e das cadelitas primas donas. Olho no sentido donde vinha o chinfrim e avisto, na linha do horizonte, numerosa matilha encarniçada atrás de coisa que eu, àquela distância, não descortinava o que fosse.

Ainda os cães latiam para além do rio, surde do bicheiro duma touça, mesmo à minha frente, aquilo que eu, na inocência dos verdes anos, julguei ser uma lebre lançada numa corrida de extrema velocidade e elegância no correr.

À noite, corri também com a notícia:

– Ó Pai, vi uma lebre!

– E era grande?

– Era! Com um rabo assim!

E estendi o braço a todo o comprimento, a exemplificar a posição e o tamanho do rabo da lebre. O meu Pai riu-se:

– Assim? – e estendia o braço dele.

– Comprido, peludo, bonito!

O Pai continuava a rir. Amuei:

– Não esteja a fazer pouco de mim...

– Rio-me porque o rabo das lebres é pequeno e arrebitado. Como o das carriças. Já viste uma carriça?

– Então não vi? Até sei o ninho duma, no muro da horta, entre as heras.

– Reparaste-lhe no rabo?

– Reparei.

– Pois o da lebre é desse tamanho, um pouco mais estreito, arrebitado para o lombo.

– Mas o da lebre que eu vi...

– Não sejas pateta. O que tu viste foi uma raposa.”<sup>(2)</sup>

\* \* \* \* \*

Um ano ou dois após este episódio, comprei uma costela. Vou ler-lhes o apontamento de alguém que um dia me observou à caça das lavandiscas:

“À janela, a Zé observa o garoto da rês que anda aos pássaros. Lá está ele, sob os castanheiros, quieto e direito como um esteio ou um espantalho, rabo do olho na costela armada junto do pau espetado ao alto.

O cajado, ao alto, é um chamariz para os chascos. Estes raramente andam pelo chão. Pousam, de preferência, nas paredes e nos arbustos, e de lá inspeccionam o terreno à cata do insecto ou do verme. Quando o descobrem, mergulham num voo picado.

---

(2) Idem, N°445, de 30 de Outubro de 2000

O pastor sabe que se um chasco pousar no pau e vir o grilo da costela, preso por uma laçada de fio em gravata sob a gola do fraque, hesitará todavia algum tempo, grasnando chás, chás, chás, mas acabará por mergulhar e ser apanhado. Sabe tudo isto a respeito dos chascos, e espetou o varapau por causa deles, mas é nas boeiras que seguem o rebanho que ele hoje deposita todas as esperanças de caça.

Quieto e direito sob os castanheiros, Chispas olha de canto para as alvéolas que, no rasto das ovelhas e em pequenos saltos, balançando-se nas pernas num ritmo de brinquedos assentes em molas de aço, se aproximam da costela. Não olha directamente, porque, se olhar, as aves desconfiam e não caem na armadilha. E mantém-se quieto e tenso, porque lhe custa resistir à tentação de olhar, e ainda porque, se o fizer, e as aves passarem à frente ou erguerem voo alarmadas e pipilando, ele cairá num desespero descontrolado de palavrões e socos nos próprios queixos.

Por esse motivo, e por ordem do caçador de pássaros, *Fadista* permanece deitado e imóvel, focinho entre as patas e orelha vibrátil.

Afinal as lavandiscas, bamboleantes nas finas pernas de molas de aço, imprimindo ao rabo cinzento debruado a branco ondulações de penas à flor dum lago, arzinho irritante e sabido, rasam a armadilha e passam à frente. O rapaz começa a desesperar quando uma delas, que não são tão espertas como parecem, entra no círculo perigoso, toca no grilo, dispara a ratoeira, é apanhada por uma perna e debate-se num redemoinho de asas e num alarme de sirene.

Chispas corre, abas da jaqueta a abrir e a fechar alternadamente, pernas em ritmo de biela a todo o vapor. Num desesperado arranco, a ave deixa a pata entre os arames e foge a tempo. O garoto pára, nariz na trajectória do pássaro, como se ainda esperasse vê-lo cair, e, quando a esperança se esvai, esmurra a própria cabeça a punhos cerrados, atira-se ao chão, estarrinca os dentes, insulta a madrastra da pouca sorte.

*Fadista*, que se levantara e corra também, observa de largo, desconfiado.

Chispas levanta-se tão furiosamente como se tinha lançado por terra, apanha a costela, vai armá-la noutro lugar, dispõe o rebanho e o cão e, rolando entre os dedos o membro da ave, cinzento e duro como um junco, unhas reviradas e uma gota de sangue imobilizada no coto, volta para debaixo dos castanheiros.

No mesmo instante, dentre o restolho, chegam gritos aflitivos, quase femininos, doutra boeira caída no laço. Chispas corre, ajoelha, retira a ave, mete-a no bolso das calças, arma de novo a costela. Vai de volta, dispõe o rebanho e o cão e afasta-se, à espera que os pássaros regressem. Acaricia a ave na palma da mão, pincha de alegria, atira-a ao ar, apara-a na queda, volta a lançá-la. Ao terceiro lançamento, o passarinho acorda, bate as asas, eleva-se um pouco, volta a descer. O garoto acha piada, ri-se muito, atira-a com mais força, vê-a tombar, descer, bater

as asas, subir, descer, subir, descer, em curvas cada vez mais pequenas, até lhe cair nas mãos, arquejante. Ao quinto lançamento, muito alto, o passarinho desce quase até às mãos, bate a asa, eleva-se, desce, volta a subir, ganha balanço, sacode a cabeça, plana de lado, numa acrobacia, endireita e desaparece para além dos castanheiros. Chispas rapuça o cabelo, esmurra os queixais, diz palavrões, espoja-se no restolho.

*Fadista*, que entrara na brincadeira aos saltos e aos latidos, cala-se prudentemente. (...)

De novo a sirene de pios e asas arrepia a doçura da tarde. Chispas corre para a costela e, ates de a abrir, segura bem a lavandisca pelo rabo. Esta debate-se, escapa, rasa a leiva durante muito tempo, mas acaba por ganhar altura e desaparecer, campos além. Apanhado de surpresa, o rapaz olha, interdito, a cauda da ave que lhe ficou na mão. (...)

A chorar de raiva, Chispas rearma a costela, agora com um grilo novo, e afasta-se para longe, na expectativa dum regresso das boeiras. Sempre alegres, chriu...chriu...chriu...elas voltam e poisam junto das ovelhas e da ratoeira – e um delas cai. Chispas corre alvoroçado e ajoelha a chorar, agora de alegria. Aperta-lhe o pescoço entre os dentes da armadilha, com força e com demora, até o passarinho tombar inerte para o lado. Acaricia-o na palma da mão, volta-o dum lado e doutro, suspende-o, ora pela cauda, ora pelo bico, ora pela asa, ri-se muito ao notar a falta duma perna.”<sup>(3)</sup>

\* \* \* \* \*

A mesma testemunha, que é uma professora de aldeia à janela da escola, registou na retina um dos meus primeiros contactos com uma lebre num dia de muito frio em que eu pretendia acender uma fogueira. Ei-lo:

“O pastor arrebanha queirogas no restolho. Vai a pegar numa, sente-a mexer e recua. Mal viu orelhas e cauda: “Uma lebre!”

– Qui! Qui, *Fadista*! Agarra cãozinho! Eh, cão!

Fadista acorda assarapantado, procura em redor, não vê nada, desespera:

– ão, an, i, ii.

– Agarra valente!

O rebanho aglomera-se e a lebre fica no meio. Há uma ovelha desgarrada.

*Fadista* cai sobre ela:

– ãn...grr....

– Méé...é!

– Larga, diabo!

---

(3) Filhas de Loth, pag. 199

O cachorro pasma, desorientado.

– Ó maldito, deixa a ovelha!

A lebre desenhencilha-se do rebanho e alinha, campos fora. Então o rafeiro percebe:

– Au, i, ii, an.

– Agora ladra-lhe aos calcanhares, grande burro!” (4)

\* \* \* \* \*

Um ano ou dois mais tarde ajustei contas com as lebres.

Um dia fui com a rês para a serra das Eiras. Apareceram uns pastores de Gralhós e desafiaram-me para o jogo da choca. No mais aceso da luta, ouço um grito:

– Ou pasmado! Olha a fazenda!

Volto-me e vejo o rebanho em correria doida, encosta abaixo, direito a umas terras de messe que ali havia. Largo também a correr e a gritar:

– Eh, cão! Vira cãozinho!

Eu trazia socos fechados, com dois ou três dedos de pau e cardas artesanais, coisa formidanda e mortífera. E como o terreno era muito inclinado, fui ganhando velocidade, saltos de gamo, de torgo em torgo, pedra em pedra, em riscos de me desequilibrar, partir perna, nariz ou coisa pior. Nisto, ouço um berro, que a mim me pareceu de cabra, meto travões a fundo, volto-me e que vejo eu? Uma lebre atirar-se ao ar e cair redonda. Estava a dormir debaixo duma carqueja, acertei-lhe com o tamanco na cabeça, tiro e queda.

\* \* \* \* \*

À data destes verídicos e espantosos acontecimentos, teria eu os meus sete ou oito anos.

“Mais tarde, ia eu nos treze soube que o meu vizinho Curvelo tinha uma ratoeira à venda por vinte e cinco mil réis. Tanto pedinchei que minha mãe me abonou o dinheiro. Fechado o negócio, o Curvelo ofereceu-se para me iniciar nos segredos da arte. Lá fomos, lusque-fusque, sacho às costas, a fingir que íamos tornar a água aos lameiros, armadilha debaixo da capa. O Curvelo levou-me lá para o meio duma touça, para uma clareira onde havia uma pequena elevação de terreno com afloramento de laijas, musgo, linho de raposa e raros chamiços de mato, tudo estrumado de caganitas. “Sabes o que é isto?” – perguntou-me. “É um tournal, ou lugar onde os coelhos se aliviam. O melhor sítio para armar uma ratoeira.

---

(4) Filhas de Loth, pag. 208

As lebres aliviam-se junto dos marcos. Se um dia quiseses caçar uma lebre, é nas terras, junto dos marcos, que deves armar o ferro. Outro sítio jeitoso é à entrada ou saída das gateiras, nos lameiros e nas terras muradas. Eu depois ensino-te. Por agora, aprende como se faz para os coelhos.” O Curvelo agarrou na sachola, abriu uma pequena cova, dispôs a armadilha, cobriu com terra e alisou com um raminho de giesta. “Não se pode tocar com as mãos, se não os coelhos cheiram, desconfiam e não caem.” – disse ele. Depois sacou um frasco da algibeira interior do casaco e aspergiu umas gotas para cá e para lá, ao redor e por cima da terra remexida. “Sabes o que é isto – perguntou – Mijo de coelho. Se amanhã cá tivermos um, como espero, agarramo-lo pelas patas da frente, andamos com ele à roda e depois esprememos-lhe a bexiga para este frasco. Duas vantagens. Primeira, evitamos que a urina fique a dar gosto à carne; segunda, arranjamós líquido para borrifar o terreno da armadilha. Não falha. Vais ver. Amanhã temos de vir cedo, se não pode passar alguém e levar-nos ratoeira e caça. Chamo por ti às cinco.”

Quando o sócio me bateu à porta, há que séculos eu o esperava! Corremos ao local da ratoeira. Tinha pêlos nos dentes e sangue no prato, mas, a respeito de caça, fogo viste linguíça. “Escapou-se, catano! – disse o Curvelo. – Amanhã teremos mais sorte.”

A cena repetiu-se noites seguidas. Quando começava a desconfiar que era o Curvelo que me roubava os coelhos, desapareceu-me ratoeira e tudo.”<sup>(5)</sup>

\* \* \* \* \*

Mais ou menos por essa altura, um dia, após uma noite de caça às raposas por montes e vales cobertos de neve, “Encontrei na rua o Pai, que ia aos coelhos com um sacho. Já que a raposa falhara, talvez eu conseguisse um láparo para oferecer a Carolina. Fui com ele.

Um rasto levou-nos até junto do Regavão, a uma fenda entre penedos. Lá estava ele, laparotinho bolinha de pelúcia, orelhas guichas, olhinhos súplices. O Pai retirou-o com a pata do sacho, deu-lhe um murro atrás da nuca, e bolso.

Fomos subindo o rio, cada um por sua margem. Em Cotocarambo, ele acenou-me, que me aproximasse. Quando cheguei perto, com apenas uma levada de água entre nós, disse-me em voz baixa:

– Malha aí com o sacho nesse queirogo!

E cá o pateguinho, que trazia o sacho às costas, em vez de malhar, como ele me dissera, chisquei a planta com o olho do sacho:

– Aqui?

E o coelho, ala!

---

(5) “Métodos Artesanais de Caça”, apresentados no “Encontro Saber Trás-os-Montes” em 1996

– Ó caçador de não sei que te diga! Vai mas é para casa jogar o pinhão, que é o que tu sabes fazer.”<sup>(6)</sup>

\* \* \* \* \*

Em contraste com os meus desastres cinegéticos, vejam agora a sorte do meu vizinho António Guitério, mais conhecido pelo *Pesca*:

“Em garoto, prendeu um anzol a um cordel e foi aos peixes. Onde ninguém o diria, enfiou uma truta do tamanho dum soco. Ao puxá-la, caiu em cima duma lebre na cama e apanhou-a também. Correu para casa e aos gritos para toda a gente:

– Ó fulano? Olha que pesca!  
Ficou o *Pesca*”.<sup>(7)</sup>

\* \* \* \* \*

E já que falei no *Pesca*, vou contar-lhes o que aconteceu aos igualmente meus vizinhos Espanhol e Lamalonga:

“Aos quinze anos conseguiram cada um sua escupeta de carregar pela boca. Foram para o Vale-da-Ponte experimentar a pontaria. Às tantas o Lamalonga descobre uma perdiz em cima dum carvalho. Mete a arma à cara, tau! A ave nem se mexeu... Segunda-lhe outro, nada... Carrega de novo, bota o joelho a terra, mira longamente, pum! Ao terceiro disparo, a perdiz, que estava de rabo, vira-se para o atirador...«É uma bruxa...» diz para consigo e deita a fugir.

– Mataste? – grita-lhe o companheiro da outra margem do rio, encoberto por um salgueiro.

– Anda cá depressa!

Correram um para o outro e o Lamalonga tartamudeou o sucedido.

– Onde está ela? Eu muito gosto de meter chumbo na pele duma bruxa – riu o Espanhol. E, sem mais, ao primeiro tiro, deita a perdiz abaixo e põe-na à cinta.

Mais tarde, já caçadores de carta e arma de dois canos, saíam quase todos os dias juntos. Uma vez, em Cotocarambo, diz o Espanhol, em voz de quem não quer espantar caça:

– Ó lamalonga, repara naquele queirogo. Não te parece um coelho na cama? Olha que é mesmo. Atira-lhe!

Recua dois passos, aponta, pum!

– Este já está.

---

(6) Planalto de Gostofrio, pag. 254

(7) Idem, pag. 219

Vai para levantar o coelho, era um seixo... O Espanhol muito se riu... “Deixa que tu pagas-mas!” – jurou o Lamalonga em pensamento.

Para se desforrar, que faz ele? Colocou a pele duma lebre em Valdanta, muito compostinha debaixo duma carqueja e foi dizer ao amigo:

– Sabes onde ontem vi a cama duma lebre? Em Valdanta. E se fôssemos até lá?

Foram. Como quem não quer a coisa, Lamalonga foi dispondo o jogo de modo a colocar o amigo no sítio asado. Quando lhe pareceu altura, disse a meia voz, apontando a carqueja:

– Lá está ela. És homem de a matar daí?

– Vamos ver – respondeu o Espanhol nas calmas, puxando o gatilho.

– De que te ris?

– Põe a lebre à cinta...

– Se calhar julgavas que a deixava?

E não é que era mesmo um lebroto em pele e osso?

\* \* \* \* \*

“Como, desde que transpus os esconsos umbrais da terceira idade, todos os anos tenho feito, também em Setembro de 2002 me vacinei contra a gripe. Valeu-me a pena... Após uma lauta Consoada na aldeia, fosse da água que apanhei na cabeça, fosse do vinho que embuti no bucho, passei a Noite de Fim de Ano e os primeiros quinze dias de Janeiro de molho. Um ataque conjunto de gripe, virose, resfriado, constipação, esgana, bronquite, asma e outras patologias de igual cariz e malignidade, iam passando comigo ao «semintendes». Salvou-me a solicitude da minha Comadre que, informada do meu estado, acorreu prestes com dois frangos caseiros:

– Bote-lhe umas canjas bem apuradas e verá como fica bom num instante.

– Não seria melhor um suadoiro, como, antigamente, se receitava em casos destes?

– É a mesma coisa, compadre. Bote-lhe umas canjas bem quentes e verá como sua...

E assim foi. Oito dias a caldos de galinha e fiquei mais rijo e fero do que se tivesse ido ao «Congresso de Medicina Popular de Vilar de Perdizes». A tal ponto que, na quarta semana de Janeiro e da minha convalescença, voltei a Peireses.

Como sempre, fui recebido pelo meu Irmão com mostras de grande e fraterna alegria:

– Julguei que nunca mais aparecias.

- Tens alguma coisa à minha espera?
- Uma lebre.
- Oh, diabo! Vinha resolvido a continuar a caldos de galinha. Mas, se me falas em arroz de lebre, o dito por não dito.
- Vou mandar prepará-la.
- Para que horas?
- Sete e meia.
- Lá estarei.
- Mas não te atrases que o arroz não espera.
- Vai descansado.

Passei o resto da tarde a salivar pelo arroz de lebre, petisco raro para os tempos que correm e, às sete e meia em ponto, lá estava.

- Queres a sopa primeiro? – perguntou o meu Irmão.
- Nem primeiro, nem depois. Venha o arroz.
- Aí vai ele – disse a minha Cunhada, colocando a panela a meio da mesa.

Fumegava e rescendia que era um regalo. Atirei-me a ele com uma sofreguidão pantagruélica. E, ao terceiro copo, comecei a ficar eufórico e a rir-me das patifarias que as lebres me têm feito.

A primeira de que me lembro, teria eu uns seis ou sete anos. Ouvira dizer, e eu acreditara, que as lebres dormem de olhos abertos. Vai daí, andando eu com as vacas num lameiro que tem uma pequena poula por cima da levada, descubro uma na cama, entre uns tojos. Como eu tivesse um pequeno sacho ao ombro e ela não fugisse, muito embora me parecesse de olhos fitos em mim, pensei: estás a dormir... estás-me no papo... E aproximei-me, a pezinhos de lá.

Mas no átimo de lhe jogar a pancada, a tipa dá um salto por cima de mim e vai-se embora. Insultei-a:

– Brejeira, atrevida, sem-vergonha... Abusar assim da inocência duma criança...

Não lhe chamei «pedófila» porque, ao tempo, ainda ninguém falava dos escândalos da Casa Pia de Lisboa.

A última aconteceu aqui há uns dois meses. Ia eu lá numa calhelha solitária, entre touças de carvalhos e muros antigos, ouço grande restolhada de cães a latir, cada vez mais perto. Estugo o passo para ver o que era, avisto uma lebre, acossada por dois podengos e um perdigueiro, a escapulir-se na minha direcção. Costumo trazer sempre comigo uma bengala de cerquinho. Quadrei-me com ela no meio da calhelha. Lebre já eu tenho, disse para comigo. Mas no momento de lhe jogar a cachaporrada ao espinhaço, a puta aplica-me um golpe de karaté aos tampos do peito e atira comigo de cú...

– Devia ser esta – disse o meu Irmão, a rir-se da farsada – era a única da espécie que por aí andava.

– Então estou vingado.  
E enchi o prato pela terceira vez.”<sup>(9)</sup>

\* \* \* \* \*

“1998 despediu-se de Barroso com um bonito nevão. No costumeiro dizer dos lavradores, *foi oiro!*

Os campos estavam a ser queimados pelos ventos, pelo sol, pela geada. O rio ia quase seco. Nem água há para as trutas desovarem... – lamentavam-se os pescadores.

Esta primeira nevada Outono-Inverno despertou, nos meus vizinhos, esperanças de salvar o ano agrícola. E, em mim, saudades antigas. Dos meus tempos de juventude, quando, em dias de neve, manhãzinha, agarrava num cacete e ia aos coelhos.

Nesses belos tempos, mal a gente saísse de casa, deparava com um rendilhado infundável de rastos de coelho e de lebre. Era só escolher um, de preferência o mais fresco, segui-lo e ver onde o láparo ou o lebroto acamara e vibra-lhe uma cacetada. Desporto proibido, mas apaixonante, a exigir olho vivo e pé ligeiro.

Neste fim-de-semana não resisti à tentação de ir recordar tempos idos. Equipei-me a preceito e saí para os montes. Que desolação! Bati o termo de Peireses de lés a lés e não encontrei um rasto de coelho para amostra. Apenas o de quatro perdizes em grupo e o de uma lebre solitária. Que não segui, claro. O das perdizes por ser tempo perdido. O da lebre porque, mesmo que ela me viesse ter com o pau, a deixaria ir em paz.

É esta a fartura com que os caçadores da minha terra podem contar na próxima época: a criação de quatro perdizes e duma lebre. Se, na próxima Primavera, as quatro perdizes e a lebre chegarem a nidificar. Sim. Porque pode dar-se o caso de as quatro perdizes serem todas fêmeas (ou todas machos) e de a lebre não encontrar parceiro ( ou parceira ). Ou de nenhum deles (ou delas) chegar à Primavera.

Regressei a casa com estes tristes pensamentos na cabeça e toda a beleza da nossa terra nos olhos.”<sup>(10)</sup>

\* \* \* \* \*

Os meus vizinhos Gil e Varisto foram à caça para a serra das Treburas. Descuidaram-se com as horas e, quando deram por ela, era noite. Iniciaram o regresso, armas à bandoleira, ainda engatilhadas, e mãos nos bolsos, porque fazia

---

(9) Quinzenário Correio do Planalto, N° 472, de 30 de Janeiro de 2003

(10) Idem, N° 423, de 30 de Dezembro de 1998

frio. Às tantas o Gil, que vinha à frente, escorrega numa laje, vai de cu e descarrega os dois canos em uníssono. Ainda do chão, pergunta, muito aflito:

– Ó compadre? Eu matei-o?

Do portal dum lameiro onde guardava as vacas, eu seguia as evoluções do Zé do Fontenova, um caçarreta com presunção de grande corredor de lebres. Ele veio vindo até mediar entre nós uns escassos cinquenta metros de restolho. De chofre, mete a arma à cara, canos muito inclinados ao chão, tau, tau! E eu a ver o que dali saía. Mas não saiu nada. Recarrega a espingarda, volta a apontar, tau, tau! Nada. Estava ele a recarregar de novo, sai-lhe dos pés uma lebre. Ele voltou-se para mim e disse:

– Oh, rapaz! Se me dá tempo, ainda lhe desfechava mais dois...

Quando se punha a falar de caça e do seu cão *Estrelim*, o Antoninho de Montessô era galga de meter medo. Um dia apanhei-lhe estas numa roda de amigos:

– Ontem aconteceu-me uma boa. Saí de manhã para a caça, fartei-me de bater monte e nem uma peça para amostra. Regressava eu, lusco-fusco, a maldizer a puta da sorte, quando, já perto de casa, me sai um bando de perdizes. Largas. Pelo sim pelo não, desfecho-lhes um tiro. Sabeis quantas matei? Doze!

– Oh!

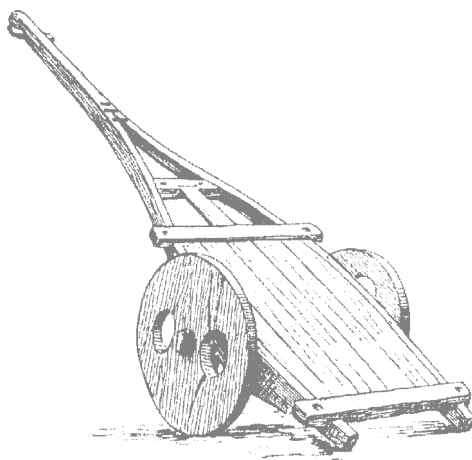
– Parece-vos impossível? Também a mim, no sufragante, me pareceu. Mas depois compreendi. Na minha frente estava um grande rochedo que eu nem tinha visto. À ida, o chumbo, ainda embalado, botou cinco abaixo. Fez ricochete no penhasco, alargou, mais sete! Mas ainda vos vou contar outra. Um ano, pelo Verão de São Martinho, reuni um grupo de amigos e fomos à caça. Pela uma da tarde, ainda nenhum de nós se havia estreado, puxámos dos merendeiros e estendemos a toalha sobre uns quirogos. Já estávamos todos sentados à roda, quando eu noto qualquer coisa a mexer debaixo da toalha. Pego num garfo, zás, zás, catrapaz. Oito perdizes e uma lebre!

E do seu perdigueiro *Estrelim*? Desse é que o Antoninho de Montessô contava vantagens. Aí vai uma para exemplo.

– Um dia fui à caça para o Larouco. Às tantas o *Estrelim* marra-se e eu mando deitar fora. Sai de lá uma perdiz acastelada, difícil como todos os diabos. Meto com ela, tau! O estupor vai de asa, por ali abaixo, cair numa touca de urzeiras e carvalhos, a mais de quinhentos metros. O *Estrelim* ainda fez menção de a ir buscar. Mas eu disse-lhe que não fosse. À noite, vinha eu lá num caminho, ia um camponês com um carro de mato em sentido oposto. Vai o meu *Estrelim* corre ao homem e marra-se. “Leva a perdiz...” – disse para comigo. E, depois, em voz alta: “Por acaso o meu amigo não encontrou por aí uma perdiz morta?” “Nem morta nem viva.” “Desculpe. O meu cão nunca se engana. E da maneira que ele

olha para si e o fareja, é porque você leva aí a perdiz que eu matei.” “O seu cão é tolo e você não me parece mais fino. Vá com Deus e deixe-me em paz.” “Não. Isto não fica assim. Como é que você se chama?” “José Perdigão, porquê?” “Perdigão? Eu logo vi. O meu *Estrelim* nunca me enganou”.

Tivesse eu o faro do Estrelim do Antoninho de Montessô e não os teria enganado com estas “Histórias de Caça.” Como não tenho, resta-me agradecer-lhes a gentileza e complacência com que me ouviram. Muito obrigado.



# Camilo em Torga

*João Bigotte Chorão*

Nas flutuações da bolsa literária, a cotação de Miguel Torga tem descido no mercado, entre novos escritores e «cientistas» da literatura, embora se mantenha a estima pública, porque continua a ser um autor editado e reeditado. As novas gerações tendem a desvalorizar o poeta, de um despojamento verbal que se exprime, não raro, em fórmulas lapidares, mas de modo nenhum cifradas ou herméticas. Já o prosador mereceria outra consideração, se não fosse a sua fidelidade ao mundo rural em que essas mesmas gerações pouco ou nada se reconhecem. A peregrinação de Torga pelo chão pátrio, o seu amor às raízes, tornam-no suspeito de muito lusitanos tiques de portugalidade ou de neogarrettismo.

O *Diário*, pela extensão e, sobretudo, pelo rigor tão oposto à nossa propensão para o anedótico, o superficial, o improvisado, tem na obra de Torga e na literatura portuguesa um peso considerável. Mas um certo egotismo e uma certa atitude de «pai da pátria» também não favorecem um clima de empatia por um escritor de juízos severos e não populares.

Se, no seu *Diário*, o autor parece avaro de citações e de registos de leituras (compare-se com o *Journal* de Gide!), a verdade é que lia muito, como se vê pelo inventário levado a cabo por Isabel Vaz Ponce de Leão no seu estudo *A Obrigação, a Devoção e a Maceração* em Miguel Torga.

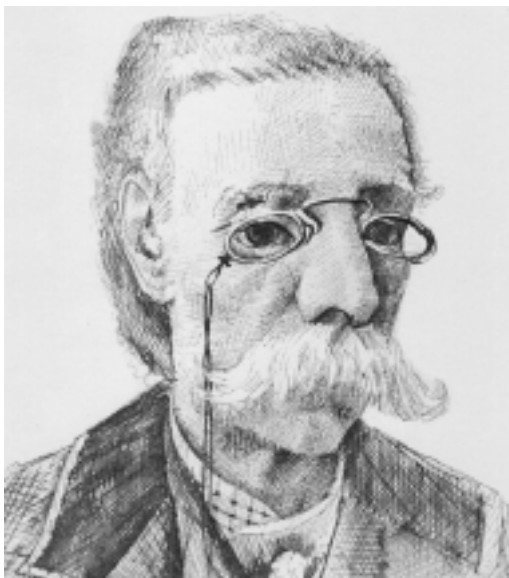
A sua viagem intramuros aos confrades portugueses estende-se de Fernão Lopes a Fernando Pessoa, e o que lê, pondera, coteja, suscita-lhe por vezes comentários não pacíficos. Reconhece como «os dois génios mais representativos das nossas letras» Gil Vicente e Camilo, mas logo deita água na fervura quando escreve que essa genialidade não tem a correspondente universalidade: «Nada que nos projecte para fora das fronteiras portuguesas, ou, quando muito,

peninsulares.» Exemplifica com personagens vicentinas e camilianas – o «admirável» Lavrador da *Barca do Purgatório* e a Mariana «extraordinária» do *Amor de Perdição*. Mas trata-se nos dois casos de «perfeições domésticas da nossa fidelidade e da nossa resignação». Falta-lhes, em seu entender, aquele *quid* que as tornaria simbólicas e eternas, como Ofélia e como Otelo. Mariana, que para Torga é «a maior figura de Camilo», não será também uma das maiores criações da literatura universal? Ela é a imagem comovente da mulher que se sacrifica por um amor que não ousa confessar – símbolo, na verdade, do amor oblativo, que tudo dá e nada recebe, nos antípodas do amor possessivo, sensual, egoísta.

Rendido a essa figura, Torga confessa que, de um escritor assim, sempre se pode «esperar o milagre». Mas esse milagre não vem a realizar-se em tão vasta obra, a não ser em certas páginas onde há – diz Torga – «cenas épicas e límpidas como a morte do lobo no *Eusébio Macário* ou como a preparação do assassinio do Zeferino na *Brasileira de Prazins*». Outras, muitas outras podíamos citar por nossa conta e risco: o assassinio do João da Cruz no *Amor de Perdição*, o assalto da quadrilha do Luís Meirinho nas *Novelas do Minho*, a morte da Josefa na *Maria Moisés*, o suplício da Marquesa de Távora no *Perfil do Marquês de Pombal*, a fuga de Camilo aos aguazis nas *Memórias do Cárcere*, a exumação da Maria do Adro nas *Duas Horas de Liteira*.

Não se exija porém de Camilo, um «dos poucos grandes homens aqui nascidos», mais do que ele podia dar. Todo o homem, por mais genial, é a sua circunstância, e Camilo exauriu a vida a lavar prosa como um cavador a sua courela. Do exílio da sua aldeia minhota não divisavam os seus olhos doentes outros horizontes além dos que a sua inteligência, a sua imaginação e as suas leituras lhe podiam rasgar. A sua condição de português, com o que há nela de sentimental e de passional, a sua herança genética que carregava como uma cruz, a necessidade de escrever, de escrever sempre, tudo era obstáculo à obra acabada que estava ao seu alcance. Camilo também podia fazer seu o grito: - «Ai a dor de ser quase, dor sem fim...»

«Afogado em prosa, perdido no emaranhado do seu drama pessoal» - assim Torga viu Camilo e se deslumbrou com os «clarões rápidos» do seu génio. Contra a nossa tendência para o derramamento e a prolixidade, Torga se empenhou em expurgar a língua de todas as excrescências, para a restituir à sua pura nudez, ultrajada tanto pelo «esteticismo vazio» como pelo «purismo caturra». E esse purismo e essa exuberância verbal, como o de alguém que tem consciência da sua força e a utiliza, eram coisas que não agradavam a Torga. O polemismo camiliano, em que essa força se exhibe sem freio, lembra-lhe José Agostinho, cujo «estadulho prenuncia o varapau dum futuro Camilo». Mas, por grande que seja o pitoresco e o picante de muitos textos, é alérgico a tais despautérios. Com um certo senso de imparcialidade, declara: «A celebrada carta de Eça a Camilo ou a também



conhecida deste ao conselheiro Forjaz de Sampaio dão a medida exacta da verrina em que nos comprazemos no trato diário.»

Uma das maiores reticências de Torga a Camilo é o que chama o seu «localismo», que limita o interesse dos estranhos por esse pequeno mundo. Mas, como escritor situado, é «mais autêntico porque atolava os pés no barro que moldava». E aqui acode-nos aquela frase lapidar que, mais tarde, Torga escreveu, e reza assim: «O universal é o local sem paredes.» Pode ser pobre a moldura de um quadro, mas o valor do quadro está nele próprio – no modo muito pessoal como o autor pinta as suas personagens e as torna vivas num tempo morto. O mundo de Camilo não é o nosso, mas intemporais são os sentimentos que ele analisa, não como espectador e sim como quem se envolve no enredo e toma partido a favor ou contra. Nesse universo de extremos, o amor traz nos seus flancos a loucura ou a morte, a vingança e o perdão, o ódio que não cansa e o arrependimento que surge como o vento que sopra onde quer. E aí desfilam todas essas inesquecíveis figuras femininas – Ricardina, Maria Moisés, Marta de Prazins e, sobretudo, Mariana. Num golpe de asa, Torga descobre que «Camilo sublimou na Mariana do *Amor de Perdição* um tal ou qual quixotismo português: «Um quixotismo que se obstina na loucura e não sai dela com nenhum argumento».

Torga viaja, não apenas pelos livros de Camilo, mas pelos lugares de Camilo. No roteiro lírico que é *Portugal* e no capítulo sobre o Minho, lá aparece Seide - uma ignota aldeia que Camilo tirou do anonimato porque aí viveu e sofreu quase

trinta anos. Como tantos outros, ali foi também Torga em peregrinação à casa de Camilo - oficina do escritor e palco do drama do homem. Há, na sua visita, mais do que curiosidade turística, gosto de ver por dentro o cenário em que o génio deixou uma marca indelével.

Raul Brandão aí foi, e ouvindo não sabia se gargalhadas ou gritos, entrou em pânico, e só tinha um pensamento – fugir, fugir dali depressa, como se o fantasma do escritor o perseguisse dentro e fora de casa, e no largo fronteiro. Também Teixeira de Pascoaes subiu as escadas que davam para o escritório de Camilo quando ele o retratou na veste de penitente: subiu «a soluçar como uma criança» (no testemunho de sua irmã Maria da Glória). Aquilino, que se habilitou à herança literária de Camilo, nem por isso hesitou em acentuar a modéstia do seu domicílio, antecipando a sobranceira do autor italiano d’*O Disprezzo*, que, como sofria de fatura, espalhou o seu tédio e o seu fastio até à casa camiliana. João de Araújo Correia que, na altura, saiu a terreiro para restituir a Camilo outro decoro, também o autor de *Contos Bárbaros* deixou registadas as suas impressões de Seide. E fê-lo de modo contido próprio de um clássico, que disciplina as emoções. A primeira vez que visitou Seide, namorou das janelas do escritório «os campos verdes e os cerros azuis longínquos - o país camiliano».

E Torga, o incansável peregrino de Portugal? Nas suas andanças, não podia faltar Seide e outros lugares camilianos. Na casa de Camilo, não podia deixar de acompanhá-lo «o espectro do romancista», ameaçado pela cegueira, obsidiado pela loucura, perseguido pelo fado. Na despedida, ainda a sua sombra o acompanha até à escadaria sobre que pende a mítica acácia do Jorge. «Da casa de um poeta - escreve no *Diário* - é preciso que saia poesia.» Na casa de Camilo o ar que se respira é o de um drama a que não conseguimos furtar-nos.

De longada até à remota Vilarinho da Samardã, aí se conserva a casa onde Camilo viveu a adolescência, com a confissão inesperada, gravada numa lápida, que passou ali os primeiros e únicos anos felizes da sua mocidade. O órfão encontrou, enfim, o agasalho de uma família, a figura exemplar de um padre que pressentiu no rapaz rebelde alguém que tinha pés para andar. Por não terem tido infância é que Camilo e Fialho – comenta Torga – escreveram livros tão azedos e amargos. Se no convívio do povo aprendeu Camilo a linguagem castigada com que depois enriqueceria os seus livros e se tentou, sem sucesso, ser uma boa espingarda (de que temos notícia naquela página memorável do Fojo do Lobo), noutros lugares – Friúme, Ribeira de Pena – preparou as asas para mais altos voos. Para Torga, essas terras, tão longe do mundo em meados do século XIX, «foram um desafio ao génio que por elas passou, juvenil e sensível». E se a Torga não faltava autoridade para avaliar a força de vontade de quem, contra tudo e contra todos, se impôs ao meio medíocre que lhe coube! Pois não nasceu Torga em meio pobre e não teve, menino e moço, de ir para o Brasil para a dura faina de capinar?

Não admira que escreva assim o que conhece por experiência própria: «Eu não sei de que massa eram feitos os Herculanos e Camilos. Mas cuido que os animava uma força obstinada (...)» A mesma força que Torga usou em toda a sua vida e em todas as circunstâncias.

Depois da obra e da geografia literária em que ela é tão rica – guiados por Camilo, viajamos pelas províncias do Norte –, Torga ainda tem um apontamento sobre um dos «herdeiros» do autor do *Amor de Perdição* (e não menos «herdeiro» do autor d' *Os Maias*). Na morte de Carlos Malheiro Dias, cita o que será o mais camiliano dos seus romances, *Paixão de Maria do Céu*, figura feminina que parece tirada do imaginário camiliano, tão romântica pelo sentimento, tão vítima de um destino infeliz.

Uma aproximação inesperada é a que faz com um latino do Oriente, Panait Istrati: «Uma espécie de Camilo aventureiro, a contar histórias duma espécie de Portugal menos ortodoxo.»

Numa conferência na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, em 1954, na qual delineou um «Panorama da Literatura Portuguesa», Torga fez esta síntese de Camilo, retomando ideias anteriormente já afloradas no *Diário* e depois nele repisadas: «extraordinário temperamento de escritor, pela fecundidade, tensão e arrebatamento do seu génio, (...) a que um provincianismo desesperante cortou as asas universais». Se Torga, como vimos, pôs em causa a universalidade de Camilo, nunca duvidou do seu génio. Peregrinando pelo Norte, inclui Camilo entre os «santos» do seu culto.

De estranhar é pois que, numas notas autobiográficas encontradas no seu espólio e reproduzidas por Clara Rocha na *Fotobiografia* de Miguel Torga, o nome de Camilo não figure entre os «autores que venera». Também é verdade que não aparece nenhum escritor português, embora a língua comum esteja representada por autores brasileiros. Seja como for, Camilo está muito presente no *Diário* e não só nele, como indiscutível figura que escreveu uma obra – e que obra! – e fundou uma dinastia literária. E se mais ainda fosse necessário, aí estaria Mariana, a recatada Mariana, a representá-lo, mesmo calada no seu íntimo pudor. Se ela não é uma personagem universal, o que lhe falta para o ser?

# A Caça no *Diário* de Miguel Torga

## – O regresso à pureza original

***Maria Hercília Agarez***

### A DIANA

*Senhora, minha esquiva namorada,  
Que Rubens retratou de seio ao vento:  
Que fresca e promissora madrugada  
E que amigo convite ao movimento*

*(...)*

*Tudo chama por nós!  
O ar, a luz, as fontes e os penedos...  
Tudo levanta a voz a prometer segredos  
E sensações...  
Nem os frutos azedos  
Doutras ocasiões  
Se esquecem de adoçar nos arvoredos,  
Fiéis à fome e à sede dos ladrões!*

*Vamos, irmã de Apolo!  
Ladram de impaciência os cães à nossa espera.  
De espingarda traçada a tiracolo,  
Não há fera que nos resista...*

*Somos o instinto, a força e a quimera,  
Na sua eterna e lúdica conquista!*

*Odes*

No seu livro “Émile ou de l’Éducation”, Jean Jacques Rousseau, descontente com a corrupção do século em que viveu, defende um novo conceito da família e da sociedade, baseado num tipo de educação cujo principal objectivo era recrear o homem natural. Por isso considera o contacto com a natureza a fonte ideal de todas as aprendizagens. A sua afirmação “A caça endurece o coração e o corpo” parece-nos assentar que nem luva ao nosso Torga. Mas não é só isso. É o regresso ao homem primitivo, ao tal “bom selvagem”, o impoluto que não conheceu os poderes nefastos da civilização. É um pretexto para esquecer, por umas horas, as agruras da profissão, de escapar aos deveres sociais, galgando com mais ou menos forças aquelas suas fragas. A propósito do seu telurismo, escreve António Arnaut em *Estudos Torguianos*: (...) *E foi a sua natureza de “homem primitivo” que o transformou em caçador inveterado e fez do acto venatório um regresso à pureza original.*

*Em vez de puxar à caneta, puxo ao gatilho. O instinto está farto de versos.* Como se as calças de bombazine, a boina basca, o cinturão e a espingarda tivessem o condão de transformar, de corpo e de espírito, o poeta no caçador! A comprová-lo está o nascimento do poema “S. Leonardo de Galafura”:

*Ordonho, 2 de Outubro de 1961 – Moeu-me a paciência! Trinta anos, bem medidos, de tenacidade! Cheguei quase a desanimar. Vinha, olhava, tornava a olhar, e nada. Alcandorado no seu trono de penedos e nuvens, com o Douro ajoelhado aos pés e o céu a servir-lhe de esplendor, o santo furtava-se ao retrato poético, de qualquer ângulo que eu apontasse a objectiva. Hoje, porém, de repente, entre duas perdizes, não sei por que carga de água, abriu o rosto e foi ele mesmo que me propôs o instantâneo.*

*– Mostre lá então as habilidades... pareceu-me ouvi-lo dizer.*

*Nem escolhi enquadramento. Antes que se arrependesse, travei a espingarda e disparei a imaginação ao calhar, do sítio onde estava.*

*Diário IX, p. 90*

Que significado tem, pois, para Torga, a caça? Além do acto cinegético em si, que proveito tira o poeta das suas jornadas pelos altos das suas fragas ou pelos paúis do Mondego? Como se sente ele, homem desiludido com a vida, em angústia

constante e sem tréguas obcecado pela doença e pela morte?

A estas e a outras perguntas iremos tentar responder, bebendo em fonte limpa – o seu próprio *Diário*, embora os dois últimos versos do poema lido encerrem, em síntese, uma resposta que tentarei desenvolver.

David Nasser, no seu artigo publicado em *Le Cheval de Troie* 5 com o título “Le poète et le dictateur”, refere-se às mãos enormes de caçador e de lavrador, com volume e sem peso, leves quando escrevia. Mais adiante, e ainda a propósito dum Torga caçador, transmite a perplexidade de Ribeiro Couto, escritor brasileiro amigo de ambos, destinatário de uma carta inserta em *Miguel Torga – Ensaios e Discursos*, sobre essa matéria: “c’est un paradoxe. Il aime et il tue”.

Quem galga os montes com sofreguidão e passadas largas, não é um ser humano dotado de raciocínio, é antes um animal movido pelo instinto:

*Coimbra, 19 de Novembro de 1950 – Encharcado e coberto de barro, regressei há pouco das narcejas. Enxuto e lavado, estou agora sentado no aconchego do escritório, entre livros, a escrever. E como das outras vezes, não consigo entender bem a razão que me leva daqui quando o domingo amanhece, para ir chapinhar nos pauis e atolar-me nas lavradas. Aparentemente é o vício de caçar. Mas creio que não, que é um desespero mortal, uma necessidade inadiável de esquecer, um desejo íntimo e urgente de viver umas horas entregue à inconsciência dos instintos.(...)*

*Diário V, p. 168*

Vem a propósito citar palavras de Manuel Alegre em “O Rosto de Viriato”, prefácio do livro *Miguel Torga – Fotobiografia*, de Clara Rocha:

*Há uma noite que para sempre ficou gravada dentro de mim. Eu andava m campanha eleitoral, ele encontrou-me na rua e disse-me: Fui caçar narcejas para ti, anda jantar lá a casa.*

*Comi narcejas e uma galinhola que a Doutora Andréa cozinhou pelo menos tão bem como a minha avó e este é o melhor elogio que lhe posso fazer.*

No *Diário IV*, em entrada escrita em S. Martinho de Anta a 1 de Outubro de 1946, após ter exprimido a ideia de que, por vezes, a caça se transforma num ritual rotineiro, conclui: (...) *E, contudo, é com uma emoção renovada e virginal que espero por este dia. As coisas do instinto e da natureza têm este condão: não envelhecem. (...)*

Como se sente, então, o nosso poeta que larga o conforto dos seus ninhos para se atolar em lama ou para galgar, com os seus passos de pernas altas, as



fragas nativas, mesmo quando as forças começam a travar-lhe o passo? Penso encontrar resposta nas suas palavras, começando por um poema inserto em *Câmara Ardente*:

### COMUNICADO

(...)

*Filho da Terra, minha mãe amada,  
É ela que levanta o lutador caído.  
Anteu anão,  
Toco-lhe o coração,  
E ergo-me do chão  
Fortalecido.*

Como pode ver-se, tal como o gigante, filho de Posídon e de Geia, o contacto com a sua Mãe Terra tornava Torga invulnerável, inatingível. A identificação do poeta Com Anteu também se relaciona com a dicotomia torguiana Mar/Terra (*eu sou um animal anfíbio*) uma vez que Posídon é um deus que domina aos mares e Geia a deusa da Terra.

Aliada a essa sensação de invulnerabilidade, está a satisfação que sempre lhe oferece o contacto com a natureza física e humana:

*Açor, Serra da Lousã, 25 de Outubro de 1942 – Aqui estou, no alto desta serra ondulada, sentado, a contemplar um largo horizonte, enquanto o cão abana o rabo, um tanto ou quanto perplexo dum descanso com perdizes à vista. Paciência, camarada, que são apenas dois minutos. O coração ainda puxa, mas já pede de vez em quando, pelo amor de Deus, um pouco de caridade cristã. (...) Devo à paisagem as poucas alegrias que tive no mundo. Os homens só me deram tristezas. Ou eu nunca os entendi, ou eles nunca me entenderam. (...)*

*Diário II, pp. 71-72*

Relativamente às jornadas na sua terra natal, nem sempre as fruiu da mesma maneira. Vivendo em Coimbra desde 1940, mas ausente de S. Martinho a partir de 1920, quando, aos treze anos embarcou para o Brasil, ao regressar sente-se, por vezes, um estranho. O primeiro choque que este regresso lhe reservava era a manutenção da pobreza do casebre e do aspecto dos pais.

*S. Martinho de Anta, 15 de Setembro (1945) – Um grande dia de caça, mas a que faltou o deslumbramento pleno de outras vezes.*

*Por mais que me integre nestas fragas, sinto que metade da minha natureza já não é daqui. Antigamente a ilusão era completa, e eu acreditava que estes graníticos ares me lavavam inteiramente do sarro estranho com que o mundo me emporcalhava. (...)*

*Diário III, p.114*

Paralelamente à mudança de sensações que o passar dos anos impõe, as entradas de treze dos dezasseis volumes (os três últimos são os únicos em que a caça não é referida) permitem-nos assistir à sua progressiva decadência física a que se rende apenas aos setenta e dois anos:

*S. Martinho de Anta, 28 de Setembro de 1940 – Léguas a fio sem descansar. O ombro já reclama contra este cilício da espingarda. Mas tem de ser.*

*Minha Mãe olha-me aflita, inquieta, cansada do meu cansaço. Meu Pai, esse, sofre sem dar sinal do que lhe vai por dentro.*

*Diário I, p. 164*

Este texto poder-nos-ia levar para as relações do poeta com o pai e com a mãe, nomes por ele escritos sempre com letra maiúscula, mas tal sairia do tema desta comunicação. Mesmo assim permitam-me que vos chame a atenção para um pormenor: a comunicação presencial com os pais dispensava suporte verbal.

Deixando este desvio, entremos na estrada principal:

*S. Martinho de Anta, 1 de Outubro de 1940 – Era preciso regressar, voltar à carga. Mas não regresso ainda. Morrer, mas devagar.*

*Idem, ibidem*

Na entrada escrita na Serra da Lousã, o caçador de trinta e cinco anos já sente um cansaço a pedir-lhe *um pouco de caridade cristã*, como já foi visto na sua transcrição parcial.

Num dos muitos natais passados na casa paterna, este aos quarenta e um anos, escreve o autor de “Bichos”:

*S. Martinho de Anta, Natal (1948) – Já não estás tão perfeito como estavas, à caça...*

– *Pois não estou, não.*

*Sem dó nem piedade, meu Pai pôs-me diante dos olhos a verdade da minha decadência física, que se acobarda das serras e chega a desoras junto do cão amarrado. (...)*

*Diário IV*, pp. 141-142

Com sessenta e dois anos começa-se a acreditar nas queixas do poeta que ele próprio assume num texto autobiográfico importante no conteúdo e interessante na forma: *Anda sempre a morrer, e não há ninguém que gaste mais energia. Vem a propósito referir que os desabafos quanto à sua falta de saúde registados no Dário começam no segundo volume, altura em que o escritor tem apenas trinta e três anos e constituem um dos temas nele recorrentes.*

*S. Martinho de Anta, 18 de Outubro de 1969 – A serra batida como na mocidade, o alento do corpo substituído pelas veras da alma. Sem ilusões quanto à anquilose da velhice, teimo, contudo, em repetir as façanhas de outrora, na ânsia de morrer bem, de cair de pé. Gostava de levar deste mundo a imagem arejada dum monte, em vez da bafienta de uma cama. (...)*

*Diário XI*, p. 56

O último texto sobre a caça foi escrito por Torga quando tinha setenta e dois anos:

*Quinta do Vale de Malhadas, Freixo de Numão, 19 de Dezembro de 1979 – Depois de um dia venatório que nenhuma natureza razoável é capaz de imaginar, estou aqui, com o corpo num feixe, a pensar se não será por orgulho instintivo que cometo estas loucuras. E que, em face delas, eu fico sem pé para me queixar dos males de que na verdade sofro. Males humilhantes, que aconselhariam resignação e remanso, e que, pelo contrário, desafio à sobreposse, como se estivesse na minha vontade o poder de também os humilhar.*

*Diário XIII*, pp. 123-124

Uma das características do Torga que viaja pelo estrangeiro, seja na Europa, na África, na Ásia ou na América do sul, é a comparação instintiva que faz entre duas realidades: a dos países que visita e a sua, de português transmontano. Em todas as circunstâncias fica sempre a ganhar a sua terra natal. Pela autenticidade, pela simplicidade, pela paisagem física e humana. Um exemplo disso é um episódio ocorrido numa viagem a Angola e a Moçambique:

*Gorongosa, 4 de Junho de 1973 – Caçada, só para ver como era. Cinco horas enterrado no capim à procura de rastos, através dum nariz e duns olhos nativos, e a alvejar a presa a duzentos metros de distância com carabinas de precisão. Que saudades de uma perdiz bem mandada numa encosta do Douro, abatida de papo! (...)*

*Diário XII, p. 28*

Para além de outras coisas, a caça é para o poeta uma fonte de prazer – *Mas do que gosta a valer, é de calcorrear os Montes do seu Douro transmontano e os paúis dos campos do Mondego à caça de perdizes e de narcejas.* (texto autobiográfico referido) – um ritual de pontaria, um pôr à prova destreza e resistência físicas. É o contacto com a natureza em espaços amplos, a fruição de todas as sensações que ela proporciona.

Na estância termal por que opta a partir de 1960, escreve:

*Chaves, 9 de Setembro de 1984 – Dei hoje comigo a pensar na linda soma de dias felizes que, apesar de tudo, roubei ao afã da vida. Dias lúdicos de caça, ou de ociosidade termal, de comunhão total com a natureza, activa ou passivamente.*

*Diário XIV, p. 116*

Não se estranha, assim sendo, a apreciação que faz na entrada que se segue:

*Monforte, 30 de Novembro de 1952 – A minha primeira batida. Um tipo de caçada onde a solidão desaparece, o instinto é importuno, os tiros a estralejar perdem a insólita violência de murros no silêncio, e as perdizes vêm ao encontro da arma como que trazidas em braços para um sacrifício. Qualquer coisa de soberano e de privilegiado, desde o couto privativo ao número de actores, de figurantes e de vítimas. Nada daquele esforço inexorável duma perseguição sem tréguas, da frugalidade que se contenta com a côdea que vai no bolso, daquele olhar agonizante e ainda morno do bicho ao carrasco que o venceu. Tudo em estilo de montaria de corte, sem lhe faltar sequer a náusea final. Diante dos montões de peças abatidas, que poderiam ter vindo dum açougue, senti-me como um Pilatos com vontade de lavar dali as mãos. A colaboração que tinha dado à festiva matança enfadou-me como aconteceria a alguém que tomasse parte num auto de fé sem ser beato. Sou humano demais para fazer de rei.*

*Diário VI, pp. 133-134*

José Maria Moreiro, no seu livro *Eu, Miguel Torga*, inclui perguntas feitas ao poeta nos cinco últimos anos da sua vida, no consultório, em casa e no hospital. Tinha muitas dúvidas a esclarecer, muitas interrogações a pedir resposta. A propósito do *Diário* quis saber *porque não há nele quase nenhuns nomes próprios*. A resposta ficou no ar.

Vem isto a propósito de uma excepção, curiosamente relacionada com o tema:

*Coimbra, 9 de Outubro de 1938 – Dia de caça. De manhã nos montes e nas barrocas de Valcanosa; de tarde nos campos do Mondego, primeiro no automóvel por caminhos demoníacos, depois com o Afonso Duarte, nos arrozais, às codornizes. (...)*

*Diário I, p. 76*

E quanto a espécies atingidas pela espingarda certaíra do discípulo de Diana, falta-nos apenas uma:

*Figueira da Foz, 15 de Agosto de 1973 – No salgado, a caçar patos e a ouvir um marnoto dissertar sobre a alquimia das salinas. Ainda há felizes no mundo que, num cadinho de barro e ao calor do sol, por transmutações sucessivas, numa sabedoria esotérica, sabem encontrar a pedra filosofal.*

*Diário XII, p. 44*

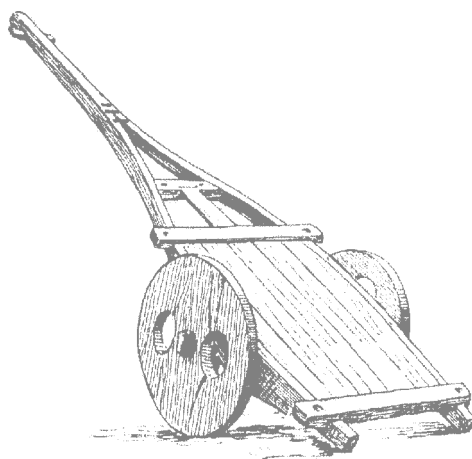
Como conclusão pode afirmar-se constituírem as referências às caçadas elementos a acrescentar ao conhecimento que temos do “Orfeu Rebelde”. O privilégio de ter amigos caçadores que o acompanham, como o Sr. Pe Avelino de S. Martinho de Anta, o seu iberismo *todo aos saltos* ao caçar em solo vizinho (*Eu sou um português hispânico*), o prazer do contacto com gentes que labutam nos campos ao som de afinado cantador: – *Caça no Douro às perdizes. Mas vinha dum rancho que andava na azeitona uma voz tão límpida, sincera e alegre, que não resisti*, o faro arqueológico que o leva a ver, rever e até descobrir restos dum passado remoto a pedir preservação e não vandalismo:

*Vilar de Celas, 22 de Setembro de 1972 – Estou sentado numa fraga, em frente dum alinhamento que a arqueologia nacional desconhece, e que deve ser único no país. Monumento misterioso, como todos os congéneres que existem no mundo, preservado na solidão da montanha, gosto de o visitar de vez em quando, desde que há anos o descobri numa das minhas andanças venatórias. (...)*

*Diário XI, p. 178*

## AUTO-RETRATO

“Desta terra sou feito”  
Em cima dumas fragas  
Me pariu  
Diana  
Quem a fecundou  
Orfeu  
Ou Prometeu?  
Não sei  
Poeta sou  
E caçador  
Do céu roubei  
A Zeus  
O fogo da Criação.



# O Lapatas

*Salvador Parente*

«É do coração dos homens que brotam imoralidades, roubos, assassínios, adultérios, cobiças, injustiças, fraudes, devassidão, inveja, difamação, orgulho, insensatez.» – disse o Mestre. Já o sublinhara Jeremias: «O coração é o que há de mais astucioso e incompreensível. Quem pode entendê-lo?» Não é certo que todos nós, os mortais, experimentamos essa realidade humilhante, mas inequívoca? E é sobretudo no desporto, quando a emoção competitiva invade a noite escura do nosso inconsciente, que se rompem as nossas defesas morais e cívicas, e as paixões mais íntimas vêm ao de cima. A caça nesse aspecto é sem dúvida um ambiente privilegiado, porque geradora de pulsões e catarses, no confronto inesperado e violento entre a libido humana e o instinto maravilhoso das bestas. A ambição, a inveja e o ciúme, fervem ali soturnamente à tona do comportamento humano. E o Lapatas, criado à lei da natureza entre as mais rudes penedias, não fugia à regra. Era invejoso ao máximo, fraudulento e mesquinho. Duma perversidade quase pura, um finório que não dava ponto sem nó. Desconfiado como uma raposa. E isto aos olhos de um mundo, retalho dum país civilizado como opinava Camilo (*Doze Casamentos Felizes*) a respeito do Barroso, “um paraíso terreal onde os lobos passam pelos habitantes e os habitantes pelos lobos”.

Na caça ao coelho, em Águas Santas, há cinco regras tácitas, mas consagradas:

- 1 – O coelho pertence ao dono do cão que o levanta – o primeiro a latir-lhe; já não é assim à perdiz – quem mata prende;
- 2 – Se o dono do cão já traz um, o coelho, de regra, é de quem o mata;

3 – Ninguém prende dois coelhos, enquanto houver um caçador sem nenhum – esta regra é absoluta e mais que sagrada;

4 – Na distribuição da caça, é uma questão de sorte: cada um prende o coelho – magro ou gordo, sem cabeça ou meio esfolado e até comido dos cães – aleatoriamente;

5 – Na segunda ou terceira ronda – o que é muito raro – pode haver compensações.

Ora o Lapatas só cumpria as regras, quando estas lhe eram favoráveis. Numa das caçadas, o grupo era de 15 caçadores. Logo o primeiro coelho foi para ele, porque levantado pela Fuinha, uma cadeleca sua do tamanho dum punho mas fina como um coral. E o Lapatas deu consigo a fazer contas: para lhe pertencer um segundo coelho, teriam de se matar pelo menos mais 15, o que seria muito improvável. Então, que andava ele para ali a aventar<sup>1</sup> o dia inteiro?... E começou a afastar-se do grupo, sorrateiramente, a rondar por ali à volta, a ver se descobria algum manata ensonado e ainda na sorna. Nisto ouviu-se um tiro como uma castanha.

– Foi o Lapatas. Lá escochinou ele mais um desgraçado na cama – foi a conclusão geral. – Aquilo é que tem uns faróis<sup>2</sup>! Até parece que tem faro, o ladrão, e os cheira ò loinge...

Na verdade, todos conheciam a sovinice do nosso homem: para poupar meio tiro, carregava alguns cartuchos só com metade da pólvora e metade do chumbo. Era assim com essas cargas reduzidas que ele, à queima roupa, assassinava os dorminhocos.

Daí a nada, aí bate o caçador, todo descansado e tão descontraído como se nada fosse com ele.

– Atão, ó Manel... a qui é que tu atirastes?... A que foi?... – falou um por todos.

– Oh, catobios<sup>3</sup>... foro dois catobios im riba de ia fraga... que se me pusero nas andadeiras... Atirei-le só com meia dúzia de bagos, e o tiro se calha abriu de mais.

– Atão, tu num sabes que na caça num se anda a sprumentar a arma?... A arma sprumenta-se im casa ò descontra ia porta ou num calhau, e cando é assim, abiso-se os oitros. Na caça, nem siquer se aponta im falso. Isso é lá pròs catobieiros. Ou inda num me aprendestes a regra? Saístes-me um caçador de meia tigela. Fijestes um lindo surbiço quem' à tua cara: inganastes-nos a todos, carago!...

---

<sup>1</sup> aventar (de ventas) – olhar para o ar, vaguear

<sup>2</sup> faróis – olhos bem abertos

<sup>3</sup> catobios – dissimilação de cotovia

– Stabo-te lá ambos os dois im fila, e eu alembrou-me de... – desculpara-se ele.

As horas foram passando vagarosas ao ritmo da caçada, e desceu a noite. E naquele dia vieram para Águas Santas 10 grades, quer dizer, só se mataram mais quatro coelhos. O caso foi badalado, na taberna, onde os caçadores se reuniam depois da ceia para aí relatarem os pormenores das respectivas caçadas. Ali se descreviam as peripécias de cada coelho: o sítio do levante, o desempenho individual e colectivo dos cães, as voltas e reviravoltas que o sacana inventara, a aselhice dos caçarretas, até que um tiro bem identificado ou os dentes dos cães lhe põem termo à vida. Esta reunião, sem dúvida, era importante e mesmo indispensável, para se ficar a saber a morada e os trilhos, as manhas de cada fatinário<sup>4</sup> escapado, e o sumiço final. Desta forma, os caçadores sabiam onde e quantos coelhos havia na serra.

– Aqui anda um, ó rapazes. Scapou-se soitrodia<sup>5</sup> òs Funiscos. Bai passar lá im riba na croua da fraga mesmo ò deslado<sup>6</sup> da pala... Era pôr-se lá um, canto antes, senão...

A experiência de ontem serve hoje de guia.

Pois o nosso Manel, o Lapatas na boca do povo, à noitinha não veio direito para casa, desabandou, porque tinha de ir botar “a i auga<sup>7</sup> ò lameiro das Regadas”. Porém, como toda a gente diz, segredo em boca de mulher é como manteiga em focinho de cão, e a do Lapatas descoseu-se:

– O meu Manel, ontem, inda tebe bem sorte! Troixe dois coelhos quemo dois gatos. Um sempre me fez lá ias sopas!... Aquilo é que nos soubero pola bida!...

A notícia breve correu o povo. Os catobios deram em coelho bem escondido na prambeira<sup>8</sup> dum penedo. A “auga” das Regadas fora o desvio necessário para o traulha ir buscar o dito coelho. Conclusão: O Lapatas abichou-se com dois coelhos, enquanto dez companheiros seus vieram de rota batida e de mãos a abanar. Uma falsidade inominável. Na aldeia, tudo se vem a saber, a mentira deixa sempre um rabo de fora, e o povo é que não perdoa. Aquela de o “gaijo num dar um tiro sumanas a oito, só pra num gastar um cartucho”... Os coelhos a passarem-lhe pelas barbas, e o “gaijo nem nos bia nem nos inxergaba. Aqui bai um!”, gritava ele. “Atirai-le bós, qui eu mal o arrelampije!”...

---

<sup>4</sup> fatinário – coelho

<sup>5</sup> soitrodia – aglutinação de “esse outro dia”

<sup>6</sup> deslado – quase ao lado, muito próximo

<sup>7</sup> a i auga – hiato muito frequente em Trás-os-Montes

<sup>8</sup> prambeira – saliência ou rebordo em prateleira

Como diz o nosso povo, o invejoso é por natureza mau e manhoso. Por isso, os caçadores de Águas Santas o guardavam como cães, à espera de uma transgressão fraudulenta e manhosa. Faziam-lhe picardias e pregavam-lhe partidas, como por exemplo, colocar-lhe nos sadoiros<sup>9</sup> uma pedra embrulhada numa pele de coelho, só para o verem gastar um cartucho. E riam-se depois à socapa. Passavam-lhe a vez à frente, e vinham à noite alguns caçadores com dois e três coelhos, e ele a zero – «Foi a minha Fuinha que le gaitou mais prumeiro», aduzia timidamente o Lapatas, a ranhar a cabeça por baixo da boina. «Foi mas é nada. Tu num bistes o Marrão do Antonho, ali atrás daquela urgueira, de rabo esticado há mais dia sumana?», testemunhava logo outro. «Foi ali, daquele toijo, que saiu o coelho. Inda lá debe de star a choça.», teimava o Lapatas. «Atão eu num no bi bem bisto cos meus olhos?... Se lá tem na choça, é porque já é belha...», contrapunha outro, logo confirmado pelo grupo. Não havia meio, as verdades do Lapatas eram amarfanhadas pelas mentiras da turma. A justiça popular é sempre injusta. E a Fuinha é que nunca mais deu com um coelho. “Ele que bá matá-los na cama, e é se quijer... e que num fosse tom lambão aqui tresontonte<sup>10</sup>. Ai, comigo o gaijo num faz farinha, há-de abrir os olhos... e comeu por ia bez.” Rejeitavam-no mesmo e só uma vez por outra o aceitavam no grupo, mas sempre de má catadura.

– Ó rapazes, hoije bamos ter festa. Bai-nos correr por’i mal o dia. Lá bem o Lapatas, carago!... – rosnara um. – Cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém. Se calhar inda bamos ter por’i algia sarrafusca... Co ele, já sabeides... bicho fino e pé ligeiro!

– Deixaide-o bir, qui a regra é pra se cumprir e pra todos: quem mas fizer paga-mas com língua de palmo. Comigo stá ele bem frito, e olhe qui elas num cai im saco roto. É qu’até Deus Nosso Senhor castiga sem pau nem pedra, e no meu carro é que num bai ele à missa, não. Bô, isso bírgula, e mais a modo!... Hum, santo funfum, eu bem te intendo, ora pra nobes – sublinhara outro, de cenho carregado.

Durante o lançamento da linha do Corgo, de pá e picareta e de carreta nas unhas, o Lapatas convivera com dúzias de galegos. Nas horas de folga, ou quando o capataz saía com o senhor engenheiro, eles jogavam por lá a bisca à sombra dum penedo. “Tira-me las patas”, ouvia-lhes ele dizer, por ocasião de um corte, de um recorte ou de uma arrenúncia. O Manel achou graça ao estribilho dos nossos irmãos vizinhos e aplicava-o a torto e a direito. E ficou o Lapatas.

---

<sup>9</sup> sadoiro – recanto de fraga, onde os coelhos se acoitam

<sup>10</sup> tresontonte – aglutinação de “trás anteontem”, ou seja, há quatro dias

Era a abertura da caça, e naquele dia não há limites para os caçadores. “Mais um, menos um, que benho, que bem cabe na serra. Atão, um dia num são dias, e bício é bício”. Cansado da interminável insónia nocturna, em voltas e reviravoltas no duro xergão, a imaginação a malucar em filmes de quadros cinegéticos quase palpáveis, o Lapatas percorrerá o termo da serra de lés a lés; vasculhara sadoiros e camas e os recantos mais azados para os sacanas dos manatas<sup>11</sup>; vira-os mesmo saltar daqui e dali nas situações mais inesperadas como sombras movediças; puxara algumas vezes ao dedo do gatilho; prometera uma orelheira às almas, se tudo lhe corresse bem; e tivera mais que tempo de memorar o saber experiente e seguro dos mais velhos:

#### NORMAS:

Caçar e comer começo quer.

Cada um caça e coça.

A caça só sai aos inocentes.

Ir à caça sem espingarda.

Não é regra certa caçar com besta.

De uma fraca toca sai (nasce) um bicho bom.

À vezes, em pequena moita grande lebre se acoita.

Donde se não espera é que sai o coelho.

Donde se não espera, de lá é que sai.

Não é mato donde saia coelho.

Não vejo moita donde saia coelho.

De má mata, nunca boa caça.

De mato não sai coelho.

Fazer como a lebre: comer e rodar longe do covil.

Um dia é o da caça e outro o do caçador.

Uma vez é da caça, outra do caçador.

Para caçar, calar.

Não se caçam lebres, tocando tambor.

O caçador de lebres tem de ser coxo.

O caçador de coelho deve ser manso.

Bem sabe a rola em que mão poisa.

Se assim comes como bebes, vamos às lebres.

Gato miador não é bom caçador.

Quem quer caça (não) diz xó.

Caça-se mais falando que disparando.

Mal haja o caçador doido que gasta a vida com um pássaro.

---

<sup>11</sup> manata – coelho

Quem caça uma arvela é mais fino que ela.  
 Caça à perdiz com o vento pelo nariz, e às narcejas pelas costas o vejas.  
 Não é no seu fojo que se apanham os javalis.  
 Para caçador novo, cão velho.  
 Enquanto mija o cão, vai-se o lobo.  
 Quem porfia mata caça.  
 Se queres apanhar o lobo, prende-lhe a loba.  
 Coelho duma cama só, morre depressa.  
 Mete os cães à mata e arreda-te para fora.  
 Meter os cães na moita, e ficar de fora.  
 Na caça, o cão e o batedor; na lagoa, a rede e o pescador.  
 Quem tem cachorro não caça com gato.  
 Quem não tem cachorro caça com gato; quem não tem gato bota pé no mato.  
 Quem não tem cachorro caça com gato; quem não tem penico caga no mato.  
 Andar à caça com um furão morto.  
 Coelho, sem cão.  
 Antes pardal na mão que perdiz a voar.  
 Quem caça e acha não é desgraça.  
 Quem não acha (pega) o que caça, pega no que acha.  
 Quem vai em caça, perde o que não acha.  
 Se fores à caça e matares um perdigão, mostra-o ao juiz e dá-o ao escrivão.  
 Não são as pulgas dos cães que fazem miar os gatos.  
 Quem (quer ou quiser) caça vai (vá) à praça.  
 Quem quiser barato a caça, cace-a (compre-a) na praça.  
 Sede de caçador, fome de pescador.  
 Quem vai caçar (à caça) perde o lugar.  
 Quem vai à caça perde a graça.  
 O coelho é de quem o levanta, a lebre é de quem a mata e a perdiz de quem a acha.  
 A lebre é de quem a levanta e o coelho, de quem o mata.  
 Levantas a lebre para que outrem medre.  
 Não levantes lebre que outrem leve.  
 A fome e o frio metem a lebre a caminho.  
 Pela boca morre o peixe e a lebre ao dente.  
 Quem caça veado despreza a lebre.  
 Para caçar, calar.  
 A mulher e a cachorra, a que mais cala é a melhor.  
 Feriste o javali, deixará quem seguia e tornará a ti.  
 A cabeça é do caçador.

## CÃES:

Ao cão e ao menino, carinho.

O cão e o menino vão aonde sentem mimo.

O menino e o cachorrinho são de quem lhes faz o mimo.

O cão e o menino vão para onde lhe fazem o miminho (carinho ou ninho).

O cão e o gato são de quem lhes faz o mimo.

Cão bom de caça, por instinto.

Cão de caça puxa (sai) à raça.

Cão de caça vem de raça.

Mulher e cachorro de caça escolhe-se (procura-os) pela raça.

Mulher, cavalo e cachorro de caça, se escolhe pela raça.

Cão marrado, nunca desprezado.

Cachorro marrado não caça.

Enquanto o cão se arranha, a lebre escapa-se.

Nossos cachorros não caçam juntos.

Alentejanos, algarvios e cães de caça, é tudo da mesma raça.

Algarvios, burros brancos e cães de caça, são todos da mesma raça.

Cães da Lixa, perros de Amarante e ladrões de Mesão Frio.

Guimarães, enxota (esfola) gatos e mata cães.

Guimarães, a cada porta sete cães.

Guimarães, perna torta, pai dos cães.

De Viseu, o cão sim, o homem não.

De Baião, nem homem nem cão.

De Mondim, quero cão para coelho e não homem para conselho.

De Mondim, o cão sim, o homem não.

Cão que muito ladra, nunca bom para a caça.

Bom rafeiro caça o ano inteiro.

Cão de boa raça até à morte caça.

O bom cão caça por raça.

Cão de raça, caça.

Cão de raça caça bem.

Cão de caça, até à morte dá ao rabo.

Cão de boa raça, se não caça hoje, amanhã caça.

Com um pedaço de toucinho leva-se longe um cão.

De focinho de cão não se tira manteiga.

Não busques o pão no focinho do cão.

A pega e o cão só olham para o chão.

Putas e cão olham para a mão.

Queres que te siga o cão, dá-lhe pão.

Cada um caça com o seu cão e dá-lhe pão.

De cadela a cão, poucas léguas vão.  
O cão no osso, a cadela no lombo.  
De cão a cão, poucas léguas vão.  
O cão rabeia no Inverno com a sede que passa no Verão.  
Bole o rabo do cão não por ti, mas (senão) pelo pão.  
Cão que arrebita o rabo, não é por ti, mas pelo bocado.  
Nunca bom cão adorou em vão.  
Cães e lobos comem todos.  
Cão rafeiro até à morte dá ao rabo.  
Cachorro de cozinha não quer colega.  
Ninguém se fie em cachorro de cozinha nem em moça que anda sozinha.  
Ninguém se fie em cachorro que fica na cozinha nem em mulher que passeia sozinha.  
Cão não rejeita osso.  
A cão grande, grande osso.  
Cães grandes nunca se mordem.  
A outro cão, outro osso.  
Cachorro que come osso toma a medida do pescoço.  
Cachorro que engole osso é porque tem confiança no cu.  
Cachorro que engole osso nalguma coisa se fia.  
Renegado cão, que se lhe deita um osso, e ele não pega.  
Ruim é o cão que não aceita o osso que lhe dão  
A outro perro, com esse osso.  
A outro perro com tais rojões.  
Cão pela porta, cajadada certa.  
É andando que o cachorro acha osso.  
Cachorro que muito anda, apanha pau ou rabugem.  
Cachorro ovelheiro só morto endireita.  
Cachorro que come ovelha, só deixa depois que morre.  
Cachorro que come ovelhas só morto endireita.  
Mais vale um cão vivo que um leão morto.  
Cão não come (morde) cão.  
Quando fores ver o lobo, leva o cão contigo.  
Cães que lobos matam, lobos os matam.  
Cão que lobo mata, lobos o comem.  
Coleira no cão, contra os lobos é defesa.  
Não cria cão nem gato, aquele que é velhaco.  
A cão mau, corda curta.  
Mal é dizer que o cão é danado.  
Digo danado, o cão que me quer mal.

Cão com raiva seu dono morde (trava).  
A cão raivoso, todos atiram pedras.  
Em se dizendo que o cão é danado, todos lhe atiram.  
Cão danado, todos a ele.  
Quem seu cão quer matar, de raiva lhe põe o nome.  
Cães vadios, cães raivosos e vento noroeste, não há pior peste.  
Carnadura de cão não areja.  
Carne no chão, carne de cão.  
O cão e o gato comem o mal guardado.  
O cão e o gato comem o que está mal guardado  
O cão e o gato não comem no mesmo prato.  
Fraco é o cão que não come a carne que lhe dão.  
Mau é o cão que não come a carne que lhe dão.  
Fraco é o cão que não pega em osso.  
Na boca do cão não busques o pão nem no focinho da cadela, a manteiga.  
Acordaste o cão que estava dormindo.  
Apanhar um cão pelas orelhas é meter-se em questões alheias.  
A hora má, não ladram os cães.  
É cão de fila: não come nem deixa comer.  
Perro lavrador, nunca bom caçador.  
Cão de moleiro (palheiro) não come nem deixa comer.  
Tantas vezes vai o cão ao moinho que alguma vez lá lhe fica o focinho.  
Porque entra o cão na igreja? Por estar a porta aberta.  
O cão do hortelão não come as verças nem a outro as deixa comer.  
Muitos cães entram no moinho, mas pelo que acham dentro.  
Muitos cães lambem o moinho, mas mal pelo que acham dentro  
É como cão que não rói o osso nem deixa roer.  
Onde não há cachorro, galinha carrega osso.  
Ladra, cão, mas não mordas.  
Ladre-me o cão, não me morda.  
Ladram não é morder.  
Cães grandes só se ladram, não se mordem.  
A teia no tear, o galo a cantar, a chaminé a fumar, deixa o cão ladrar.  
Foge dos cães que não ladram.  
Cão que morde não ladra.  
Cão que não ladra, desse te guarda.  
Foge da água choca e do cão mudo.  
Guarda do homem que não fala e do cão que não ladra.  
De cão que não ladra e de homem que não fala, desse te guarda.  
Deus nos livre de homem que não fala e de cão que não ladra.

Livra-te do homem que não fala e de cão que não ladra.  
Guarda-te de homem que não fala, de mulher que faz versos e de cão que não ladra.

Cuidado com o homem que não fala e com o cão que não ladra.

Por causa de mulheres, de cães e águas, não faltam mágoas.

Em manqueira de cão e lágrimas de mulher não há que crer.

Nem ao cão mijar, nem à mulher chorar, nunca lhes há-de faltar.

Não te fies em mulher que não fala e cão que não ladra.

Guarda (guarda-te) do cão que manqueja.

Nem cão negro nem moço galego.

Guarda-te de cão preso e de moço galego.

Guarda-te do frade e do cão que não sai da grade.

Guarda-te de homem de vila como de cão de fila.

Guarda da volta do cão.

Na primeira cai o cão, à segunda cairá ou não.

A chave à cinta, e o cão na cozinha.

Mulher, cavalo e cão, não se emprestam nem se dão.

Cachorro que ladra à lua quer sarna para se coçar.

Cão bom nunca ladra em falso.

Nunca bom cão ladrou em vão.

Cachorro velho não late à toa.

Cachorro velho não ladra em vão.

Quando é velho, o cão, se ladra, é porque tem razão.

Cão velho que ladra (morde), dá conselho.

Cão que ladra, cão que me guarda.

Cão que ladra não morde.

Cão que ladra não dá dentada.

Cão que muito ladra pouco morde.

Não ladra cão sem ter razão.

Cão bom nunca ladra em falso.

Mal ladra o cão, quando ladra de medo.

Cão que morde não ladra em vão.

A cão mordido e homem batido, todos molham a sopa.

A cão mordido, todos chicoteiam (mordem).

A mordedura de cão cura-se com a baba do mesmo cão.

Dentada de cão cura-se com o pêlo do próprio cão.

Não tenhas cão, se és tu que ladras.

Enquanto ladra o cão, coze-se o pão.

Cão ladrador nunca é bom mordedor.

Nunca falta um cão que nos ladre.

Cão que muito lambe tira sangue.  
Bom é o cão que não ladra sem razão.  
Cão de estalagem não guarda segredo.  
Cão de outro bairro não venha ladrar neste.  
Cachorro não tem razão.  
Cachorro ensinado não suja a casa.  
Cão de três não o vendas nem o dê, que ao fim de um ano saberás o que tens.

É mais conhecido que cão ruivo.  
Tem cão e guizo e tudo o que lhe é preciso.  
Onde vai o cão vai o cambão.  
Cachorro velho não se acostuma com coleira.  
Perro velho não aprende línguas.  
Quem não tem pão não cria cão.  
Fraco é o cão que não conhece o dono.  
Cada cachorro se parece com seu dono.  
Qual é o cão, tal é o dono.  
No fim de um ano, o cão parece-se com o dono.  
Quem bate no cão bate no dono.  
Pelo cão, se respeita o patrão.  
Ao galgo, comprá-lo, mas não criá-lo.  
À la larga, o galgo a lebre mata.  
A galgo velho, deita-lhe lebre e não coelho.  
Da casta, vem ao galgo ter uma longa cauda.  
Galgo barcino (varzino), ou muito velhaco ou muito fino (mofino).  
Fidalgos e galgos coçá-los e deixá-los.  
Nem em tua casa galgo, nem à tua porta fidalgo.  
O galgo e o fidalgo, só no nome têm algo.  
Nem ruim fidalgo nem ruim galgo nem ruim advogado.  
Nem ruim letrado nem ruim fidalgo nem ruim galgo.  
O fidalgo, o galgo e o taleigo de sal, junto do fogo os hão-de achar.  
Quem bem quer ao Beltrão bem quer ao seu cão.  
O cão é meu amigo; meu inimigo, a mulher; e o filho, meu senhor.  
Não há defunto sem choro nem cão sem dono.  
Cão azeiteiro, nunca bom coelheiro.  
Nem cão negro, nem moço galego  
Convém não judiar com um cão, por causa do dono.  
Em novo, o rafeiro é galgo.  
Cão de perdiz tem faro.  
Cão que muitas lebres levanta poucas mata.

Cão na igreja, tudo o apedreja.  
A cão velho, a raposa cospe-lhe na cara.  
A cão velho, não digas buz, buz.  
Cão muito elogiado não acompanha o dono.  
Ao cão e ao palreiro deixa-os no sendeiro.  
A língua do cão é benta e a do gato sebenta.  
Babujado de cão faz o menino são, babujado de porco faz o menino morto.  
Baba de cão come-se com pão, a de gato nem a chegues ao fato.  
Bafo de cão, comer com pão; bafo de gato, não chegar ao fato.  
Pêlo de cão, comer com pão; pêlo de gato, não chegar ao prato.  
Bafo de cão, até com pão.  
A cão fraco acodem as moscas.  
Onde há cães há pulgas, onde há pães há ratos, onde há mulheres há diabos.  
Quem se deita com cães acorda com pulgas.  
Quem com cães se deita, com pulgas se levanta.  
Onde há cães, há pulgas; onde há pães há ratos; onde há mulheres, há o diabo.  
Quem vai a casa do cachorro dorme na cinza.  
O cão é sujo.  
Foge, cão, que te fazem barão; mas para onde, se me fazem visconde?  
As cadelas apressadas têm os cachorros mortos.  
Cachorra apressada pare filhos cegos.  
Cadelas apressadas parem cães tortos  
A cão fraco, acodem as moscas.  
A cadela morta, gaita à porta.  
Ao mal do cão, com o pêlo do mesmo cão.

#### MENTIRAS:

Em tempo de caça e de guerra, mentira como terra.  
Antes do casamento, depois da caça e durante a guerra, mentira como terra.  
No tempo das perdizes, tanto mentes como dizes.  
O melhor caçador mente mais do que caça.  
Mau caçador, bom mentidor.  
Mentiras de caçador, não há maiores.  
Prestes tem a mentira, caçador que mal atira.  
Nunca vi veado baleado que não fosse grande e gordo.  
Veado baleado todo ele é grande e gordo.  
Caçador e mentiroso tolera-se, se é gracioso.

## TEMPO:

Enquanto não é tempo de muda, caçai comigo aos perdigotos.  
A caça da ria em Fevereiro caga para o espingardeiro.  
Fevereiro couveiro faz a perdiz no poleiro; Abril, está cheio o covil; Maio, pio, pio, pelo mato; Junho, como um punho; e em Agosto, as apanharás na caça.  
Pela escusa da Conceição, entram (galinholas) mais de um quarteirão.  
Diminui a pólvora em Setembro e faz, em Outubro, o contrário.  
Em Março deves untar bem a espingarda, se em Agosto a queres ter a seu posto.

Quando se atira o tiro é que se apanha o coelho.  
Em Janeiro pasta a lebre e o coelho à beira do regueiro.  
A lebre, em Janeiro, está na baixa ou no lameiro.  
Ao galgo, o mais lebreiro, foge a lebre em Janeiro.  
Corre mais a lebre de um ano que a lebre de quarenta.  
Às vezes corre mais o demo que a lebre.  
Coelho de Janeiro é cavalheiro.  
Com este cajado, mataste já outro coelho.  
Raposa que muito tarda, caça aguarda.  
Não me enganas a mim, que sou cão velho.  
A sebe dura três anos, o cão três sebes, o cavalo três cães, o homem três cavalos, o corvo três homens, e o elefante três corvos.

## ÉTICA

A caçar e a comer, não te fies no prazer.  
No amor e na caça, começa-se quando se quer e acaba-se quando se pode.  
Quem em caça, guerra e amores, se mete (meter) não sairá quando quiser.  
Quem em caça, política, guerra e amores, se meter, não sairá quando quiser.  
Ninguém vende a pele do urso antes de o ter caçado.  
À porta do caçador, nunca grande monturo.  
Antes coelho magro no mato que gordo no prato.  
Enquanto uns batem o mato, os outros apanham a caça.  
Caça, guerra e amores, por um prazer cem (muitas) dores.  
Em caça e amores, por um prazer cem dores.  
Guerra, caça e amores, por um prazer mil dores.  
Os leões não se entretêm a caçar pardais.  
O dono do furão caça do coração.  
Não caça do coração senão o dono do furão.  
Ninguém caça do coração como o dono do furão.  
Ir à guerra nem caçar, não se deve aconselhar.  
A (ao) coelho ido, conselho vindo.

Depois de fugir o coelho, todos dão conselho.  
Depois de fugir o coelho, toma o vilão conselho.  
Ler sem entender é caçar sem colher.  
Quem corre também se agarra.  
Veado corre muito, mas também morre na cama.  
Enquanto disputam os cães, come o lobo a ovelha.  
Não se entretêm os leões na caça aos tubarões.  
Oficial que vai à caça, não há mercê que Deus lhe faça.  
Aos pobres, até os cães ladram.  
Andam as linguças atrás dos cães.  
Nem boa moça na praça, nem homem rico por caça.  
Cada coelho a seu santo.  
Quem à toa o tiro acerta não se gabe de mão certa.  
Se caçares, não te gables; se não caçares, não te enfades.  
Fome de caçador, sede de pescador.

### CULINÁRIA

Um sabor tem cada caça, mas o porco cento alcança.  
A perdiz é perdida, se quente não é comida.  
Não há carne perdida, a não ser a lebre assada e perdiz cozida.  
Perdiz, só com a mão no nariz.  
Das aves, boa é a perdiz, mas melhor a codorniz.  
Do peixe, a pescada; da carne, a perdiz.  
Do peixe, a pescada; das aves, a perdiz; da carne, a vitela.  
Quem a truta assa e a perdiz coze, não sabe o que come.  
Quem a truta come assada e cozida a perdiz, não sabe o que faz nem o que diz.  
Quem aos trinta come lebre assada e cozida a perdiz, não sabe o que faz nem o que diz.  
Água e pão, comida de cão.  
Todas as indigestões são más, e a da perdiz é péssima.

– Anda aqui um ladrão das hortas, ó rapaziada... – lembrou o Panarra, ao chegarem à Toixegueira. – O cara de caraças já se me alebantou mais dia dúzia de bezes às meus cães, e o sacana num há meio, ninguém le põe os olhos. Se calha, tem asas, o ladrão... Precataide-bos por aí, mais metro, menos metro... E olhaide que sempre se tem oubisto dezer às intigos que lebres e coelhos gosto munto de botar ia soneca à beira dos caminhos, só pra oubir as combersas e os sagredos do mulherio.

A queira<sup>12</sup> por ali andava de codilhos, e o nosso Lapatas passou a arma para o braço esquerdo, enquanto batia carquejas, tojos e queirogas, com a fé e a paciência dum santo e uma varusca de urgueira, até que sobressaltou a malta:

– Stá qui um, rapazes! Pruparaide-bos!

Ali, mesmo à beirinha do caminho, num manhuço de giestas “bassoirinhas, lá estaba o gaijo todo infiado pola terra dentro”.

– Stá qui um. Passa fora!...

E o Lapatas, de olhos postos no sítio, ia-se afastando uns quatro ou cinco metros, trocou o cartucho do cano direito, que era menos zicheirinho<sup>13</sup>, e fez pontaria.

– Lá bai!... Parece que inda le stou a ber o fio do lombo a reluzir...

Um tireco, uma baforada de fumo a sair-lhe do cano, e tudo paradinho. Só os cães é que levantavam as orelhas, pasmados com semelhante tossidela.

– Atira-le oitro, meu merdas, olha que tu num le destes – aconselhou um, mais batido e avezado.

O Lapatas não se fez rogado. Como o coelho era para ele...

– Pum!

E o caçador, numa corrida ansiosa, mas ainda de espingarda aperrada, vence num ai a distância, derreia-se sobre as giestas e exhibe entre o polegar e o indicador a aba seca duma bosteira<sup>14</sup> de vaca.

– Mais oitra prà scrita! – desabafou, cuspendo enojado. – Ó rapazes, num conteides isto lá na benda, qui é ia bregonha, a bregonha das bregonhas.

Qual o quê! Naquele entrementes, levanta-se um coelho e, sem mais aquelas, enfia-se na pala. “Botaro-le o gatinho”, o furão; mas o desgraçado, temendo a dentuça da queira, ainda a ranger cá por fora, deixou-se sangrar como os mártires da Al-Qaeda. É claro, o furão afitou<sup>15</sup>, ali deitadinho a ressonar uma sesta, no quentinho do defunto, enquanto os caçadores esperavam e desesperavam cá fora que o pimpão se dignasse recolher voluntariamente ao cacifro. Fizeram-lhe fumo até as frinchas dos penedos fumegarem como chaminés, mas nada. Sacaram o chumbo a um cartucho e deram um tiro mesmo à boca da pala, e não adiantou. Entretanto vem uma trovoada que empurrou a turma para casa, e durante aquela tarde a jocosa notícia correu meio mundo. E foi um “inchente de riso”.

Espetar um tiro num calhau ou num terrão, ao lusco-fusco, acontece a qualquer um. Agora numa bosteira... é que nunca se ouviu dizer! Só o Lapatas.

---

<sup>12</sup> queira – matilha

<sup>13</sup> zicheirinho – muito chocado

<sup>14</sup> bosteira – monte de bosta

<sup>15</sup> afitar – diz-se do furão que mata um coelho na pala e se deixa ficar lá dentro a fazer companhia ao defunto

# A caça nos contos de Miguel Torga

*Vítor José Gomes Lousada*

Miguel Torga, é o pseudónimo do médico, Adolfo Correia Rocha, nascido em 1907 e sepultado em 1995 em São Martinho de Anta, aldeia da província de Trás-os-Montes e da Região Demarcada do Douro, conhecida pelas suas escarpas e seu produto incomparável, o «Vinho do Porto».

Ao falar do seu «Reino Maravilhoso», o espaço privilegiado da sua arte ficcional, colorido com vales imensos, profundos, as serras sobrepostas a serras, os abismos de angústia, os homens viris e miseráveis a subir e descer as encostas nas vindimas, os serões na lareira, as romarias no largo, mais o eco tenebroso das penedias, Miguel Torga entronizou a região de Trás-os-Montes como «das mais belas que se pode imaginar». E ainda hoje, volvidos que são quase sessenta anos sobre a hora de tal proclamação, raro é o compêndio escolar, a monografia, o roteiro cultural ou turístico que aluda a Trás-os-Montes sem que contenha a emblemática expressão: «Vou falar-lhes de um Reino Maravilhoso», como que a buscar nela o fôlego sentimental de quem ousa contemplar a «própria bem aventura».

Este espaço singular, físico ou geológico, aliado a um espaço social e humano, de onde fazem parte os usos e costumes do povo, as tradições, os saberes ancestrais, e o *modus vivendi* a raia os povos arcaicos, incute no homem transmontano características culturais e de personalidade que o distinguem. A robustez notável, a coragem reconhecida, a luta pela sobrevivência, o altruísmo, a resignação, a integridade, são valores que o homem desta terra bravía, adusta, erichada de montanhas, entre as quais sobressai o gigantesco Marão, foi forçado a cultivar. E o Marão dá, de facto, origem ao aforismo «P'ra cá do Marão mandam os que cá estão», que ressoa desde os tempos longínquos, como que a reconhecer o espírito

de independência e de auto-suficiência que o homem transmuntano se viu obrigado a seguir.

Mas foi esta terra e as gentes narradas na sua obra, a qual se viu obrigado a abandonar por necessidade de sobrevivência económica e de desenvoltura cultural, que lhe marcou para todo o sempre um perfil temperamentalmente imperativo, e lhe sobrepôs uma universalizada fidelidade às origens ancestrais.

De facto Adolfo Rocha cedo teve de deixar Trás-os-Montes, pois mal acaba a instrução primária logo se impôs uma reflexão sobre a escolha da sua carreira, dado que o pai, embora humilde e iletrado, propunha para seu filho uma vida mais risonha. Assim ao jantar, num dia triste participou à família que o caso tinha apenas duas soluções: «O Brasil ou o Seminário».

O pequeno Adolfo Rocha olha fixamente o pai para saber se era verdade, mas era, via-se-lhe nos olhos manchados de lágrimas a dizer o seguinte: - Tens de escolher, meu filho. Aqui à enxada é que não te quero. Bem basto eu<sup>1</sup>.

Até que em 1918 entra no Seminário de Lamego, onde permanece um ano. Mas não tinha vocação para papa hóstias, como dizia seu professor Sr. Botelho.

E em 1920 com apenas 13 anos parte para o Brasil para trabalhar, regressando a Portugal em 1925 onde completa os estudos liceais e o curso de Medicina na Universidade de Coimbra, cidade onde viveu a sua actividade profissional, paralelamente a uma actividade poética muito intensa, inaugurada em 1928 com um livro de versos, *Ansiedade*.

Portanto, Miguel Torga, proveniente de uma família de condição humilde, mas repleto de virtudes naturais, ascende a um lugar de destaque na vida activa e no mundo das letras, conotando-se como o paradigma de um homem corajoso, capaz de um esforço tenaz e indómito para, a pulso, chegar ao cimo da colina da vida e da Literatura, por caminhos pedregosos e árduos, como são os carreiros tortuosos dos montes da sua região que tão bem conhece, tantas vezes calcorreou e lhe permitiu atingir a plenitude exterior, uma plenitude resultante da importância que os sentimentos tiveram na sua vida.

Tal como o percurso da sua vida, o seu percurso literário também um pouco sinuoso até encontrar a sua trajectória genuína, criativa e inconfundível no seu tempo, é o de um homem que não se rende a compadrios a mecenatismos ou a convencionalismos de qualquer espécie.

Daí que estivesse preso no Limoeiro e no Aljube de Lisboa, entre Dezembro de 1939 e Fevereiro de 1940 e algumas das suas obras fossem censuradas e apreendidas. No entanto, nada o fez vergar a este poder totalitário e, deste modo, a sua produção bibliográfica nunca parou, sendo muito variada e rica, abrangendo

---

<sup>1</sup> Cf. Miguel Torga, «O Primeiro Dia», *A Criação do Mundo*, (1ª ed. conjunta), Coimbra, ed. do Autor, 1991, p. 34.

o romance, o conto, o diário, a autobiografia romanceada, textos de comunicação, poesia e teatro, num total de mais ou menos 56 obras. Uma obra que é a expressão do verdadeiro humanismo, da defesa da liberdade dos direitos humanos, da identidade cultural e de tantos outros valores paradigmáticos da condição do homem na História da civilização deste século.

Por isso, Torga assume a liberdade como um destino, e faz da sua vida uma luta constante contra todas as tiranias e contra todos os dogmas, o que também Deus lhe não perdoa, como se verifica no poema «Conquista»:



*Livre não sou, que nem a própria vida  
Mo consente.  
Mas a minha aguerrida  
Teimosia  
É quebrar dia a dia  
Um grilhão da corrente*<sup>2</sup>.

O desejo de manter a sua própria liberdade de criador e de se colocar à margem de grupos literários, na senda duma independência total de tudo e todos, leva-o a que se distancie dos do seu tempo, já que o seu ouvido, como diz no *Diário*, «deve estar mais atento ao silêncio do futuro do que às palmas do presente»<sup>3</sup>, a fim de que a sua obra enfrente a «erosão dos séculos» e seja o reflexo da sua mundividência telúrica e humanista. Pois, o próprio autor, tal como ele no-lo afirma em *Fogo Preso*, quer manter-se fiel a si mesmo e às suas origens: «Profundamente enraizado no chão nativo e orgulhosamente fiel à condição de origem, sempre a lição dos livros, a dialéctica dos teóricos e a eloquência dos tribunos pesaram muito menos no seu critério do que a sabedoria ancestral do comunitarismo agrário e pastoril que me corre nas veias»<sup>4</sup>.

Daí que a sua obra se banhe, como diz António José Saraiva e Óscar Lopes, «num ambiente de mitos agrários e pastoris que da sua origem aldeã transmontana remontam aos símbolos bíblicos»<sup>5</sup> e, por esse facto, nela sobressai a luta árdua e incessante do homem montanhês, contra todas as adversidades da natureza, quer seja física, ou social, na construção duma consciência baseada na perpetuação da existência e na dignidade humana.

Por isso, com um sentimento de independência, agarrado à seiva telúrica, em permanente contacto com as forças rasteiras da natureza, penetra nos confins da existência humana num cenário terrunho, onde ausculta o pensar, o sentir, o viver e onde realça as tradições, os saberes ancestrais e o pulsar das comunidade rurais.

E é nesta perspectiva, nesta obra original e multifacetada que se insere a caça na literatura torguiana, onde a faceta do caçador surge aliada à condição do médico e do poeta, no mesmo apego medular às raízes da natureza.

Se comumente associamos a existência dupla de dois sujeitos diversos, o médico e o poeta, que nem sempre se pautaram por uma existência pacífica, a verdade é que fica a sensação que ambos se realizaram, pois segundo próprio

<sup>2</sup> Id., «Conquista», *Cântico do Homem*, 4ª ed., Coimbra, Ed. Autor, 1974, p. 54.

<sup>3</sup> Id., *Diário VI*, 3ª ed., Coimbra, Ed. Autor, 1978, p. 104.

<sup>4</sup> Id., «Meus Amigos», in *Fogo Preso*, 2ª ed., Coimbra, ed. do Autor, 1989, p. 79.

<sup>5</sup> António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 8ª ed., Porto Editora, 1975, p. 1094.

Miguel Torga: «É bonito isto de ser médico e poeta. São os dois a dar».<sup>6</sup> Um, enquanto ser individual, criador, exterioriza o que lhe vai na alma através da obra escrita, o outro, ser social, contacta com o seu semelhante, com a exteriorização do seu sofrimento, tentando-o aliviar no refúgio da esperança.

Assim, creio que poderemos dizer, que esta actividade paralela permite ao autor de *Contos da Montanha* auscultar, pensar e ver o mundo de maneira diferente, contribuindo para uma expressiva aprendizagem e conhecimento problemático que envolve o homem no mundo moderno. E a este nível Bigotte Chorão ao comparar Miguel Torga, contista e médico, a João de Araújo Correia, também contista e médico, afirma o seguinte: «Nascidos com o carisma de escritores, ao saírem médicos debruçaram-se sobre corpos e auscultaram almas. As confidências que ouviram transmitiram-nas ao papel. Poucas profissões, como a de médico, permitem testemunhar dores, agonias, mortes. Aprenderam mais da vida que dos livros, de modo que o saber é, também para eles, feito de experiência. Os livros só vieram corroborar a vida»<sup>7</sup>.

Do mesmo modo a actividade de caçador (actividade em menor relevo) aparece como um processo instintivo onde se estua subliminarmente a projecção do poeta telúrico, porque é na caça que Torga está atento às emanções de vida da Terra-Mãe. A verdade é que elas se circunscrevem e são o resultado do seu enraizamento num espaço mais sacralizado, mais simbólico, como seja a natureza e a paisagem.

E a escrita das paisagem que nos aparece nos mais variados contos, como evocações e eco interior, põe em evidência a harmonia entre a materialidade espacial de um lugar e a voz interior de quem o contempla.

A ligação exacerbada à paisagem da aldeia, da montanha, do húmus natal, cumpre-se mediante um processo de ficcionalização do vivido onde se equaciona a vivência da comunhão com a natureza encarada na sua face instintiva, pulsional, violenta, e até sagrada.

É esta natureza que os personagens da arte ficcional de Torga procuram, de modo a penetrarem como que no tempo primordial em plena harmonia identificativa com essas forças universais plenas de vida e encanto.

De maneira que no conto, «O caçador», a caça é a actividade preferida de Tafona para realizar a comunicação profunda com a natureza, e aí o caçador tanto se perde enlevado sinestesicamente pela luxúria inebriante dos montes e serras, como se reencontra conscientemente para observar e identificar por essa linguagem dos sentidos todos os pormenores-causa dessa comunhão com as «forças elementares do mundo».

<sup>6</sup> Miguel Torga, *Diário VI*, ed. cit., p. 175.

<sup>7</sup> João Bigotte Chorão, *João de Araújo Correia - um Clássico Contemporâneo*, Lisboa, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1986, p. 15.

A natureza, aqui, revela-se como um cenário paradisíaco, onde a felicidade de Tafona desperta ao toque reactivo da vitalidade renascida e purificada dos elementos naturais. A identificação plena do caçador não é somente com o animal a ser caçado, mas sobretudo com o meio envolvente, pois esse conhecimento concreto da natureza, análogo ao dos caçadores medievais, esse mimetismo com a revelação de forças universais transportam-no para uma comunhão com as origens onde assume o papel dos antepassados na vivência dos «mais recuados estádios da organização da vida».

Miguel Torga revê-se em Tafona através deste ritual venatório, desta comunhão com a natureza, e desta incursão num tempo primordial, originário, pois como ele afirma na sua autobiografia: «Cada vez tinha mais necessidade de me perder por montes e vales, liricamente sonâmbulo e de reflexos prontos, a proceder à revelia da razão. O homem primitivo que nunca se resignara dentro de mim só vinha à tona em toda a sua plenitude de cartucheira à cinta. O acto venatório era para os meus sentidos o regresso à pureza original.

Desde a roupa que vestia, delida como um velho paramento e afeiçoamento do corpo como uma segunda epiderme, à frugalidade só da merenda, sempre igual, ao vinho bebido excepcionalmente tudo fazia parte de uma secreta comunhão com a sacralidade da natureza»<sup>8</sup>.

Nesta actividade, nesta paixão cinegética inscreve-se a verdadeira felicidade de Torga, embora os textos directamente inspirados pela caça sejam em número muito restrito, mas, segundo Louis Soler, «le qualitatif l'emporte sur le quantitatif. Par ailleurs, est-il besoin de rappeler que même s'il a tenu toute sa vie un *Journal*, Torga n'a jamais joué au journaliste, et encore moins au journaliste sportif? Aussi serait-il vain de chercher dans son oeuvre un quelconque reportage sur ses campagnes de chasseur. Cependant, un vrai chasseur ne s'y trompera pas: cet écrivain est à coup sûr un des leurs».<sup>9</sup>

A justificá-lo estão precisamente os detalhes técnicos que observamos ao longo das suas páginas, como sejam o conhecimento exacto do meio, das armas, dos cartuchos, da progressão dos caçadores na procura das espécies, no trabalho solitário caçador-cão, no disparar, em suma no ritual venatório.

Esta identidade com as forças elementares do mundo, esta imersão nas montanhas, nos vales, nos ribeiros, esta comunicação singular com o meio cinegético, é a explosão de uma paixão venatória onde a paz e o equilíbrio do ser atinge a plenitude, tal como Torga o revela no *Diário*: «Não consegui ainda explicar a causa deste sentimento de segurança que se apodera de mim quando me embrenho

<sup>8</sup> Miguel Torga, «O Sexto Dia», *A Criação do Mundo*, ed. cit., p. 433.

<sup>9</sup> Louis Soler, «La Chasse comme Metaphore chez Miguel Torga», in *Aqui, Neste Lugar e nesta Hora*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 1994, p.511.

pelas serras à caça. É uma paz de preservação, de anonimato, de intangibilidade. Não sendo eu cobarde nem medroso, a verdade é que fora de aqui constrange-me sempre o presságio dum perigo iminente. Mas à solta por estas brenhas, em perfeito equilíbrio de alma e corpo sinto-me na a plenitude do ser normal, casado e harmonizado com o meio. Talvez seja porque atrás destas fragas me posso defender de tudo e de todos. Seria o homem primitivo com o seu sílex afiado na mão – no meu caso particular uma arma de cinco tiros».<sup>10</sup>

É que este espaço comporta em si todas as características de um lugar idílico, dum lugar de origem, de exorcismos dos cansaços esquizofrénicos, de retemperação e de tranquilidade de espírito, é como se fosse o berço donde o narrador perscruta o pulsar dos seus congéneres, objectiva o sentido gregário do comunitarismo rural, avalia os sentimentos de rebeldia e liberdade, e incorpora o jogo de tensão humana das personagens da sua ficção. E um exemplo mais paradigmático desta tensão, deste jogo de morte é precisamente o conto, *O Caçador*.

Aqui coloca-se num frente a frente Felismino e o Marta onde a caça à perdiz serve como pretexto para um duelo imprevisível entre os dois, a fim de saldarem contas antigas. E no desenrolar da narrativa sobressai essa luta constante pela liberdade, pela guarda das suas vidas, numa vigilância mútua, porque «quem os visse mal diria que cada um levava às costa a vida do outro, apertada nas câmaras da caçadeira.»<sup>11</sup>

De facto a caça começa, mas o acto de vingança do Marta não se esfuma no contacto com a natureza, e só no final do dia cede face à compreensão que o homem tem de Ter para com o seu semelhante. Este desejo do Marta termina num processo de liberdade da sua condição, do seu interior, que só é atingida através duma procura constante e depois dum percurso de purificação bem patente no subir e descer as serras ao lado do Felismino, onde proliferam todos os momentos de desespero, de angústia e de incerteza.

Para se atingir essa plenitude é necessário identificar-se com as raízes primordiais do inconsciente cósmico, e aceitar o ciclo da vida e morte, não como algo que termina abruptamente no caos, mas como uma regeneração constante da entidade do ser no absoluto.

E de facto, tal como afirma, de novo, Louis Soler «le désir de vengeance et instinct de conservation se voient annulés par l'intime compréhension que chacun a de l'attitude de l'autre, ce qui entraîne une paix des braves promulguée en quelques mots brefs, mais décisifs: comme si la vigilante application d'un code commun en milieu naturel et familial avait suffi à désamorcer le drame.»<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Miguel Torga, *Diário V*, 3ª ed. revista, Coimbra, Ed. Autor, 1974, p.53.

<sup>11</sup> Id., «A Caçada», *Novos Contos da Montanha*, 14ª ed., Coimbra, Ed. Autor, 1988, p. 216

<sup>12</sup> Louis Soler, ed. cit., p. 513.

A verdade é que o Marta acaba por deixar cair por terra o sentimento de vingança, face à verdadeira grandeza que Felismino demonstra desde o início da caçada, por se assumir segundo Sérgio Paulo Silva como «um homem duro, antigo, como as pedras serranas, talhado como aquelas pelas duras condições dos tempos ... o macho-animal dominante gerado pelo meio».<sup>13</sup> Isto leva a que o Marta desperte para os valores da justiça, da lealdade e da fidelidade e termine com as palavras: «- E ouça: o que lá vai, lá vai...»<sup>14</sup>

Portanto, a actividade venatória tem o seu apogeu na morte das espécies e não afirmar-se, como neste caso, como um meio para outros objectivos, porque em Torga a caça era uma coisa de respeito.

Na realidade não se dá a morte de nenhum dos contendores, mas das espécies, cada um levava uma dúzia, e que gera alguma controvérsia em Torga. Pois se sempre se tem afirmado como um oficiante da vida, como pode deleitar-se com morte da fauna cinegética?

De facto em Torga, a «morte não se apresenta como uma aniquilação total e negação absoluta, ela revela-se numa bipolarização referencial e representativa de um ritual de duas espécies: um que implica metamorfose, encerra o fim de um ciclo de vida cumprido e indicia uma ressurreição, mesmo sob outra forma; outro que corresponde à purificação xamânica com ressaibos violentos, no sentido de que, para com todos os erros da natureza ou do homem e da sua esconjuração, é preciso abreviar a vida, ou o sentimento trágico da vida na procura do eterno ideal.»<sup>15</sup>

Mas é na caça que, paradoxalmente, o narrador torguiano torna explícita esta problemática da morte e da ressurreição. E no conto diz-nos o seguinte: «Entre o sangue da perdiz morta – que através do cotim de calça, morno lhe acordava a consciência de pele – e o seu próprio sangue, não havia o muro de nenhuma desarmonia. A morte que a arma fazia tinha no mesmo instante uma ressurreição dentro dele».<sup>16</sup>

Há aqui uma morte ritual que implica de certa forma o mito cosmogónico, cuja imolação assegura a continuidade e a manutenção das forças reprodutoras do mundo, fertilizando e fortalecendo as energias vitais nas estruturas universais dos ritmos duma liturgia cósmica, bem à maneira das sociedades arcaicas, do *in illo tempore*.

<sup>13</sup> Sérgio Paulo Silva, *Companheiros do Defeso – Com um bernal roto às costas*, Modernas Editorial Lavores, 2004, pp.71/72.

<sup>14</sup> Miguel Torga, «A Caçada», *Novos Contos Montanha*, ed. cit., p. 223.

<sup>15</sup> Vítor Lousada, *Miguel Torga – o simbolismo do espaço telúrico e humanista nos contos*, Editora Cidade Berço, Guimarães, 2004, pp. 169/170.

<sup>16</sup> Miguel Torga, «O Caçador», *Novos Contos da Montanha*, ed. cit., p.58.

Assim, em Torga a morte das espécies não pode ser vista como aniquilação total, pois tal como Tafona o autor de *Bichos* sabe uma coisa: «é que quase um século de caça não lhe endurecera nem lhe empeçonhara a alma. Matara, sim, e matara ainda, se podia, mas não era com ódio, a gritar maldição, que o tiro partia. Mais amorosamente do que mortalmente, o dedo premia o gatilho. E quando, a seguir, a lebre esperneava ou a codorniz gemia, a sua mão aligeirava docemente aquela agonia, numa carícia aveludada.»<sup>17</sup>

Deste modo a caça surge dotada de alguma nobreza, como um desporto desinteressado e puro, onde o caçador gosta de caçar por caçar, o seu deleite limita-se ao fruimento do exercício em si mesmo, ao gozo vital do dinamismo pelo dinamismo. E na opinião de Carlos Gonçalves, o caçador é figurado como representando o cientista, visto que «o cientista lança-se na caça das verdades: a investigação crítica é uma dramática “caça de Pã” por entre a emaranhada floresta do real».<sup>18</sup>

É assim o caçador Adolfo Rocha, no emaranhado dos montes, no contacto com essa pureza original da natureza, no fruir das belezas naturais, contemplando toda a plenitude que esta actividade lhe propicia e houvera propiciado a todo o homem caçador.

Segundo António Blanco Freijoeiro e contemplando o panorama daquilo que a arte indígena, de forma mais desenvolvida nos mostra, destacam-se as actividades que o homem praticou com maior fruição, como sejam: «cantar e bailar ao som de flautas e trombetas; justar a pé e a cavalo; concorrer com damas e cavalheiros a festins e banquetes; e, principalmente tomar parte em caçadas»<sup>19</sup>. Este grupo de actividades vem coincidir, com o que Ortega Y Gasset esboça, ao considerar a caça entre os deleites predilectos do homem de todos os tempos e países: «De suerte que si en vez de urdir utópicas suposiciones, nos atenemos a los hechos, descubrimos, queramos o no, com simpatia o enojo, que la ocupación venturosa más apreciada por el hombre hecho reyes e nobles: cazar».<sup>20</sup>

Efectivamente é na caça que Miguel Torga goza dias de imensa felicidade, momentos de inefável prazer, que só a estes eleitos é possível, pois Henrique Escrich ao compadecer-se daqueles que não gozaram na sua vida as delícias da caça, afirma o seguinte: «pobre gente, que prefere o bulício enganador e pouco

<sup>17</sup> Id., *Ibid.*, p. 58

<sup>18</sup> Carlos Gonçalves, «Breves palavras», in *Caça e Caçadores*, 2ª ed. Atlântida Editora SARL, Coimbra, s/d., p. 5.

<sup>19</sup> António Blanco Freijoeiro, *A caça e seus deuses na proto-história peninsular*, [Separata da “Revista de Guimarães”, Vol... LXXIV, 1964], Guimarães, 1964, p. 9.

<sup>20</sup> J. Ortega y Gasset, «prólogo a Conde de Yebes», *Veinte años de caza mayor*, Madrid, 1943, p. 15.

higienico das grandes capitais ao saudável ambiente dos montes, e o ruído monótono do charlatanismo humano ao sonoro canto das perdizes; desgraçadas criaturas, que nunca experimentaram a imensa satisfação, o gozo inefável de *fazer carambola* de perdizes ou de patos reais n'um formoso dia de sol, aspirando o perfume do alecrim e do tomilho, e tendo em perspectiva um bom jantar e uma confortável cama em casa do guarda, situada no cume de um monte.»<sup>21</sup>

Se enquanto escritor Torga presta culto às letras, aqui fá-lo à espingarda, aspira o saudável ambiente dos montes, prefere o silêncio religioso dos campos ao fatigante bulício das cidades e aparta o olhar da figura humana para o fixar com delícia na formosa estampa do seu cão de caça, daí que tenha esta confissão na *Criação do Mundo*: «Durante a semana, o trabalho intenso absorvia-me por completo; aos domingos, perdia-me pelas serras a caçar.

Foi lentamente, num crescendo de emoção, que descobri o encanto das madrugadas a caminho do sol nascente, o esplendor dos dias totais, sem quebra de tensão e de atenção, o gosto animal da fome satisfeita e de sede mitigada, a paz da pureza instintiva. A angústia a sair das trevas, o tempo sem medida e sem monotonia, o mais negro pão saboreado e assimilado, a fonte sorvida a correr nas veias, o prazer repousado do cansaço. De espingarda em punho, a sentir o chão nos pés, o vento na cara, a luz nos olhos, e a ler no rabo do cão, radar incansável e certo, o movimento invisível da perdiz ou da galinhola, toda minha natureza profunda se reencontrava e limpava das mil sujidades antinaturais. E, de costas voltadas à incompreensão de amigos e de inimigos, sempre que podia, a desafiar o frio, a aguentar a chuva ou a vara do neveiro, lá ia eu com mais dois ou três companheiros, que apenas sabiam de mim que era esquerdino a atirar e rijo de perna.

– Não sei como és capaz de dar um tiro num bicho inofensivo!

Defensor acérrimo de toiros de morte, O Alvarenga incorria em mais uma das suas inúmeras contradições, que seria crueldade denunciar.

E respondia-lhe, já longe da conversa, embrenhado nos matagais que a simples evocação enchia de mistério e de encantamento.

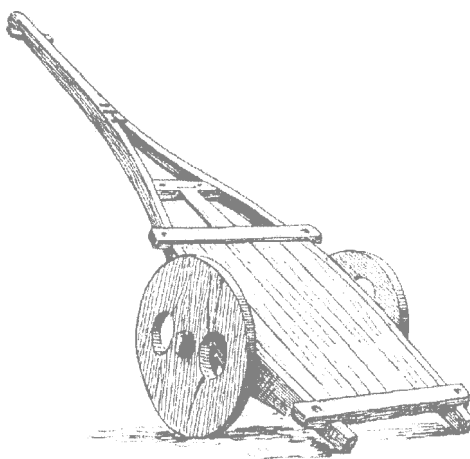
– Nem eu. Mas sabe-se muito pouco de nós naquele mundo sem remorsos...»<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Henrique Perez Escrich, *Os Caçadores*, Empreza Litteraria e Typographica – Editora, Porto, 1887, pp. 6/7.

<sup>22</sup> Miguel Torga «O Quinto Dia», *A Criação do Mundo*, pp. 317/318.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- CHORÃO, João Bigotte, *João de Araújo Correia - um Clássico Contemporâneo*, Lisboa, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1986.
- ESCRICH, Henrique Perez, *Os Caçadores*, Empreza Litteraria e Typographica – Editora, Porto, 1887.
- FREIJOEIRO, António Blanco, *A caça e seus deuses na proto-história peninsular*, [Separata da “Revista de Guimarães”, Vol. LXXIV, 1964], Guimarães, 1964.
- GONÇALVES, Carlos, «Breves palavras», in *Caça e Caçadores*, 2ª ed. Atlântida Editora SARL, Coimbra, s/d.
- LOUSADA, Vítor José Gomes, , *Miguel Torga – o simbolismo do espaço telúrico e humanista nos contos*, Editora Cidade Berço, Guimarães, 2004.
- ORTEGA Y GASSET, J., «Prólogo a Conde de Yebes», *Veinte años de caza mayor*, Madrid, 1943.
- SARAIVA, António José, LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 8ª ed., Porto Editora, 1975.
- SILVA, Sérgio Paulo, *Companheiros do Defeso – Com um bernal roto às costas*, Modernas Editorial Lavores, 2004.
- SOLER, Louis, «La Chasse comme Metaphore chez Miguel Torga», in *Aqui, Neste Lugar e nesta Hora*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 1994.
- TORGA, Miguel, *A Criação do Mundo*, (1ª ed. conjunta), Coimbra, ed. do Autor, 1991.
- TORGA, Miguel, «Conquista», *Cântico do Homem*, 4ª ed., Coimbra, Ed. Autor, 1974.
- TORGA, Miguel, «Meus Amigos», *Fogo Preso*, 2ª ed., Coimbra, ed. do Autor, 1989.
- TORGA, Miguel, *Diário V*, 3ª ed. revista, Coimbra, Ed. Autor, 1974, p.53.
- TORGA, Miguel, *Diário VI*, 3ª ed., Coimbra, Ed. Autor, 1978, p. 104.
- TORGA, Miguel, *Novos Contos da Montanha*, 14ª ed., Coimbra, Ed. Autor, 1988.



# *Memória do Encontro*





O Presidente da Câmara na abertura do Encontro



Maria Hercília Agarez



Ângelo Sequeira



Um aspecto da assistência



À mesa do restaurante



Idem



Salvador Parente



João Bigotte Chorão



Na sede do Parque Natural do Alvão



Henrique Pereira, director do PNA



No auditório do PNA



Joaquim de Barros Ferreira fazendo a apresentação de *Terra adagio cantabile*



Rogério Rodrigues falando do furão



O furão



Visita à Biblioteca Municipal Dr. Júlio Teixeira



Vítor Lousada



António Lourenço Fontes



Bento da Cruz



Filomena Ribeiro e Lúcia Fraga



Hercília Agarez e Assunção Moraes



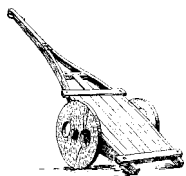
Hélder Machado e Esposa



João e Maria José Bigotte Chorão



Pires Cabral e Lourenço Fontes



# Município de Vila Real

Câmara Municipal de Vila Real *Serviços de Cultura*

*Encontro “Saber Trás-os-Montes”*

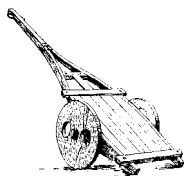
## A Caça na Literatura Trasmontana

9 e 10 de Novembro de 2006

*Auditório da Biblioteca Municipal Dr. Júlio Teixeira*

### Programa

<b>Dia 9</b>	09h30	– Recepção
	10h00	– Sessão de Abertura e Apresentação da Revista <i>Tellus</i> , nº 45
	10h30	– Maria Hercília Agarez, <i>A caça no Diário de Miguel Torga</i> – Ângelo Sequeira, <i>A caça em Trás-os-Montes na Biblioteca Cinegética Sérgio António</i>
	11h30	– <i>Exposição Bibliográfica e Iconográfica</i>
	13h00	– Almoço no Restaurante Paulo
	15h00	– Salvador Parente, <i>O Lapatas</i>
	16h00	– João Bigotte Chorão, <i>Camilo e Torga</i>
	17h15	– Visita à Exposição Permanente do Parque Natural do Alvão
	19h30	– Jantar de caça no Restaurante Vila Velha– Apresentação do livro <i>Terra Adagio Cantabile</i> , de Joaquim de Barros Ferreira
	23h00	– Serão Musical (opcional): Zé Carlos Faria Trio, Café-Concerto do Teatro de Vila Real
<b>Dia 10</b>	10h00	– <i>Exposição sobre o Furão, comentada por Rogério Rodrigues (Chefe da Divisão de Caça dos Serviços Florestais), e distribuição de texto de Aquilino Ribeiro</i>
		– <i>Visita às instalações da Biblioteca Municipal e do Grémio Literário</i>
	11h30	– Vítor Lousada, <i>A caça nos contos de Miguel Torga</i>
	15h00	– António Lourenço Fontes, <i>Evocação do Padre Domingos Barroso</i>
	16h00	– Bento da Cruz, <i>Histórias de caça</i>
	17h15	– <i>Apresentação da Antologia «A Caça na Literatura Trasmontana»</i>



# Município de Vila Real

Câmara Municipal de Vila Real *Serviços de Cultura*

*Encontro “Saber Trás-os-Montes”*

## A Caça na Literatura Trasmontana

9 e 10 de Novembro de 2006

### Lista de Participantes

1. AGAREZ, Maria Hercília
2. CABRAL, A. M. Pires
3. CHORÃO, João Bigotte
4. CHORÃO, Maria José
5. COSTA, José Maria Garcia da
6. COSTA, Maria Lúcia Fraga
7. CRUZ, Bento da
8. CRUZ, Fernando Levy
9. ESTEVES, Miguel de Matos
10. FERREIRA, Joaquim de Barros
11. FERREIRA, Maria de Fátima Barros
12. FONTES, António Lourenço
13. LOUSADA, Vítor José Gomes
14. MACEDO, Ana Maria Aguiar
15. MACHADO, Maria Cândida T. Grácio
16. MACHADO, Hélder da Costa
17. MAGALHÃES, Henrique Esteves
18. MAGALHÃES, Laura Vilela
19. MAGALHÃES, Susana Maria
20. MARTINS, Manuel do Nascimento
21. MASCARENHAS, Fernando Jorge Carneiro
22. MATOS, José Alexandre Breda Franco
23. MORAIS, Maria da Assunção Anes
24. NEVES, Elísio Amaral
25. OLIVEIRA, José Gonçalinho de
26. PARENTE, Salvador
27. PEREIRA, Maria Goretti Fernandes da Silva
28. PINTO, Felisbela dos Santos
29. RAMOS, Pedro Chagas
30. RIBEIRO, Maria Filomena Gonçalves
31. ROCHA, João Azenha da
32. RODRIGUES, Hermínio de Jesus
33. RODRIGUES, Rogério
34. SEQUEIRA, Ângelo Maria Cardoso
35. SEQUEIRA, Maria da Conceição Carvalho Guedes Andrade
36. SILVA, João Ribeiro da
37. SILVEIRA, Ana Maria da Silva
38. TELMO, Gina Maria Paulino
39. TUNA, Manuel Joaquim
40. VALENTE, Susana Maria Magalhães
41. VEIGA, Armando Augusto Rodrigues
42. VELOSO, Susana Isabel Cunha Guerra



## Sumário

• A Caça em Trás-os-Montes na Biblioteca Cinegética Sérgio António <i>Ângelo Sequeira</i> . . . . .	1
• Histórias de caça <i>Bento da Cruz</i> . . . . .	10
• Camilo em Torga <i>João Bigotte Chorrão</i> . . . . .	22
• A Caça no <i>Diário</i> de Miguel Torga — O regresso à pureza original <i>Maria Hercília Agarez</i> . . . . .	27
• O Lapatas <i>Salvador Parente</i> . . . . .	37
• A caça nos contos de Miguel Torga <i>Vítor José Gomes Lousada</i> . . . . .	52
• <i>Memória do Encontro</i> . . . . .	63

---

*Tellus*, n.º 47

Revista de cultura trasmontana e duriense

Director: A. M. Pires Cabral

Edição: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real

Tiragem: 500 exemplares

Outubro de 2007

ISSN: 0872 - 4830

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tip., Lda. - Vila Real

Os artigos assinados são da responsabilidade dos respectivos autores.

Embora dispensando-lhe a melhor atenção, TELLUS não se obriga a publicar quaisquer originais.

Autoriza-se a transcrição, no todo ou em parte, do material contido neste número, desde que citada a origem.

TELLUS encara favoravelmente quaisquer modalidades de permuta e/ou colaboração com outras publicações nacionais ou estrangeiras.

TELLUS faculta aos seus colaboradores a tiragem de separatas dos seus artigos, correndo as despesas por conta daqueles.

*Fotografia da capa: Levy Cruz, Vila Real, 2006*